

Mapa da diversidade

Cândido publica a segunda e última parte do especial sobre cenas literárias, que retratou dez cidades brasileiras

Índio San



EDITORIAL

A diversidade literária não está apenas no circuito mais conhecido do Sudeste do Brasil. Ela também se encontra em outros centros do país.

Ao produzir reportagens sobre escritores e projetos literários de dez grandes cidades brasileiras, o **Cândido** confirmou aquilo que nosso próprio mercado editorial vem mostrando há algumas décadas: a produção de prosa e poesia aumentou, há muitos jovens autores surgindo e encontrando mais facilidade para publicar, seja por meio de mecanismos ofertados pelo Estado, como concursos e editais, ou por iniciativa própria, já que a autopublicação se tornou uma saída viável para muitos escritores.

Por outro lado, as reportagens mostraram que a falta de distribuição de livros ainda é um problema crônico, o que impede que certos autores consigam extrapolar os limites de suas cidades ou Estados, ainda que a internet tenha amenizado essa invisibilidade. Revistas e jornais especializados, canais de difusão da literatura local dessas cidades retratadas, também sofrem com a falta de continuidade. O que é agravado pela crise dos jornais tradicionais, que praticamente extinguíram a cultura de seus cadernos.

Ainda assim, com todas as dificuldades, a literatura, um nicho da cultura historicamente desprezado no Brasil, tem resistido com força em várias partes do país, revelando autores e livros que mereciam ser mais conhecidos por um número maior de pessoas.

Além das cinco matérias sobre cenas literárias brasileiras, a 28ª edição do **Cândido** traz bate-papo com o poeta e romancista Paulo Scott, que participou do sétimo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2013. Entre os inéditos, destaque para o conto “À maneira negra”, do escritor Benedito Costa Neto, que integra a seção “Em Busca de Curitiba”, e para o poema “A estrutura”, do poeta de Paranavaí Altair Cirilo dos Santos.

CARTUM Nilson Sampaio



BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação



Eu devia ter uns 13, 14 anos, não me recordo ao certo. Mas sei que tomei a decisão de ler um livro “sério”, além dos volumes da coleção Vagalume que já faziam parte da minha infância. Fui à Biblioteca Pública do Paraná e emprestei a *Odisseia*, de Homero. Lembro que era uma edição com tradução antiga, capa dura e costurada, páginas amareladas. Tive de renovar o empréstimo para dar conta do livro. Mas li inteiro e com um prazer imenso. Um prazer que nunca senti antes com uma leitura. Uma leitura sem obrigação que abriu os meus olhos para um mundo ao mesmo tempo antigo e novo, onde a filosofia, além da literatura, também está presente.

Fernando Ribeiro é artista de performance e curador. Organiza o evento mensal p.ARTE – Mostra de Performance Art com Tissa Valverde. É curador convidado da Bienal Internacional de Curitiba 2013. Vive em Curitiba (PR).

Divulgação



Livros que abraçam a realidade sempre foram meus preferidos. Nesse sentido, *Passageiro do fim do dia*, romance do carioca Rubens Figueiredo, logo me conquistou. O fluxo de consciência do protagonista, que viaja de ônibus até a periferia de uma grande cidade após um dia de trabalho, traça um forte retrato da desigualdade social em que nosso país está mergulhado há 500 anos. Figueiredo cria passagens dramáticas e explora o medo que permeia a existência de quem mora na periferia, seja o medo da violência que aprisiona os moradores das favelas em suas casas, seja o medo do dinheiro do mercado não bastar para comprar a comida do mês.

Guilherme Magalhães é estagiário de jornalismo na Biblioteca Pública do Paraná e tenta dar conta da pilha de livros para ler, sempre maior que a pilha dos já lidos. Vive em Curitiba (PR).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná

associação dos amigos da biblioteca pública do paraná

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

PARANÁ SECRETARIA DA CULTURA

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Thais Reis Oliveira, Guilherme Magalhães e Mellissa R. Pitta.

Fotografia:

Kraw Penas e Guilherme Pupo.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Eliana Barros e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Altair Cirilo dos Santos, Benedito Costa Neto, Carolina Vigna-Mar , Davi Boaventura, Dorva Rezende, Guilherme Caldas, Gustavo Paim,  ndio San, Lalan Bessoni, Lucy Rodrigues, Marcelo Miranda, Marciel Conrado, Marcílio França Castro, Nilson Sampaio, Patrícia Galelli, Paulo Paniago, Rogério Coelho, Ruy Barata Neto, Tenório Telles, Tiago Lacerda, Victor Mascarenhas.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda   sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



CURTAS DA BPP

Divulgação



Ademir Paixão ministra oficina de charge na BPP

A última edição das “Oficinas BPP de Ilustração” em 2013 será ministrada pelo cartunista Ademir Paixão (foto), do jornal *Gazeta do Povo*. Paixão vai falar sobre “Charge” entre os dias 10 e 12 de dezembro. As inscrições são gratuitas e para participar, os interessados devem encaminhar para o endereço oficina@bpp.pr.gov.br uma charge de autoria própria, sobre qualquer assunto.

Fábio Elias canta Raul Seixas

Fábio Elias é a atração do dia 29 de novembro do projeto “Música na Biblioteca”. O cantor e compositor curitibano apresenta o show “Raul Seixas: Lado B”, com canções menos conhecidas do ícone da música brasileira. Vocalista e

guitarrista da banda Relespública, Elias já lançou nove discos, dois DVDs e se apresentou em vários festivais brasileiros, como Rock in Rio e Abril Pro-Rock. A apresentação acontece no Hall Térreo da BPP, às 17h30, e tem entrada gratuita.

BPP promove concurso infantil de redação

Estão abertas até 30 de novembro as inscrições para o “XIX Concurso Infantil de Redação”, realizado pela Seção Infantil da BPP. Os interessados devem encaminhar para a Seção Infantil uma redação a partir da seguinte frase: “Desligue a TV e o computador e vá ler um livro”. Não há limite de tamanho para o texto. Podem participar crianças entre 7 e 13 anos. Os três primeiros colocados ganharão um troféu, certificado de participação e um kit de livros de literatura.

Curso de alfabeto Braille segue com inscrições abertas

Promovido pela Seção Braille da BPP, o curso de alfabeto Braille acontece todos os sábados, das 9h às 12h, e é ministrado por Anastácio Braga, funcionário da seção, pedagogo e pós-graduado em educação infantil. Entre os conteúdos trabalhados, estão a história do sistema Braille, o processo de alfabetização e o funcionamento da máquina Perkins Braille. Os interessados devem enviar e-mail para o endereço cleomirasouza@bpp.pr.gov.br. A entrada é franca.



Tezza publicado pela Amazon

O escritor Cristovão Tezza está entre os 10 autores brasileiros que terão obras traduzidas e publicadas pelo Amazon Crossing, selo editorial da Amazon Publishing. Além do escritor radicado em Curitiba, figuram na lista os nomes de Luiz Ruffato, Josy Stoque, Ana Paula Maia, Ivana Arruda Leite, Paloma Vi-

dal, Tércia Montenegro, Claudia Lage, Eliane Brum e Sérgio Rodrigues. A seleção foi feita segundo indicações de agentes literários e críticos. Tezza negociou seu livro de contos *Beatriz* (2011), que deve sair em inglês ainda este mês, e o romance *Breve espaço entre cor e sombra*, cujos direitos retornaram ao autor. O livro havia sido publicado originalmente em 1998, pela Rocco, e será lançado em língua inglesa pela Amazon em 2014.

Os Jabutis do Paraná

Marina Pilato



O curitibano Caetano Waldrigues Galindo venceu o Prêmio Jabuti 2013 na categoria tradução pelo seu trabalho em *Ulysses*, de James Joyce. Galindo, que iniciou o trabalho em 2002, dedicou dez anos à tradução do monumental romance. Além do tradutor de *Ulysses*, outros paranaenses apareceram entre os ganhadores do Jabuti. Na

categoria poesia, *A voz do ventríloquo*, de Ademir Assunção, levou o primeiro lugar. Paulo Venturelli ficou em segundo lugar com a obra *Visita à baleia*, na categoria infantil. O primeiro lugar em cada categoria recebe R\$ 3.500. Em 13 de novembro, serão conhecidos os vencedores do livro do ano de ficção e de não-ficção.



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Guilherme Pupo





Paulo Scott

Com formação em Direito e uma estreia relativamente tardia na literatura, aos 35 anos, Paulo Scott é hoje um dos nomes mais promissores da nova geração de romancistas brasileiros. No entanto, Scott iniciou seu caminho literário pela poesia. O escritor gaúcho abriu o sétimo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2013 falando justamente de seu primeiro livro, a coletânea de poemas *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros*, assinado sob o pseudônimo de Elrodris. “Publiquei esse livro em 2001 por conta de uma campanha de alguns amigos, que diziam que eu não podia ficar só escrevendo, precisava publicar.” A poesia também foi o ponto de partida para Scott como leitor. Entre os autores marcantes que leu nos anos de formação está o poeta curitibano Paulo Leminski. “Leminski foi muito importante para mim, afinal, vim de uma periferia de Porto Alegre. Ver aquele homem que tinha uma ótima dicção, uma postura encantadora, me deu coragem para admitir que eu gostava de poesia”, revelou ao jornalista Yuri Al’Hanati, mediador do bate-papo. Scott também elencou três prosadores que, como leitor, considera cânones: Louis-Ferdinand Céline, Jean-Paul Sartre e Graciliano Ramos. “Sempre que preciso me enquadrar dentro de um questionário, assino como negro. Já militei no movimento político negro, e o racismo de Céline, não apenas em relação aos judeus, é algo condenável. Mas, nem por isso, como leitor, deixo de perceber que ele faz uma grande literatura”, disse Scott, cujos dois últimos romances, *O habitante irreal* (2011) e *Ithaca road* (2013) foram bastante elogiados pela crítica e pelos leitores. Ainda sobre seus cânones, o escritor disse se esforçar para que suas preferências literárias não o deixem refém de alguns poucos autores. “Tenho muito receio em relação aos cânones, não aos cânones dos outros, mas aos meus próprios. Acho que a tendência de você canonizar aquilo que lhe parece importante, surpreendente e eterno é um comportamento quase que inevitável, mas, ao mesmo tempo, essa cristalização acaba impedindo que você consiga dialogar com trabalhos que talvez destoem dessa preferência, trabalhos que realmente inovem, coloquem uma nova perspectiva.” Nascido na capital gaúcha em 1966, Scott vive desde 2008 no Rio de Janeiro. Além de *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros*, na poesia publicou outros três livros: *Senhor escuridão* (2006), *A timidez do monstro* (2006) e *O monstro e o minotauro* (2011, em coautoria com o cartunista Laerte). Em 2003, publicou o volume de contos *Ainda orangotangos*, editado originalmente pela editora independente Livros do Mal e que, em 2007, ganhou reedição pela Bertrand Brasil. A obra foi adaptada para o cinema em 2008 pelo cineasta Gustavo Spolidoro e venceu o 13º Festival de Cinema de Milão. Em 2005, o escritor lançou *Voláteis*, seu primeiro romance, que envereda pelo gênero *noir*. Seu livro mais recente, o romance *Ithaca Road*, foi lançado em junho passado e é resultado da viagem do autor a Sydney, na Austrália. A viagem e o livro fazem parte do projeto “Amores Expressos”, que enviou escritores a diversas cidades do mundo para escreverem uma história de amor.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

BIBLIOTECAS

Sempre fui uma criança muito tímida e os livros foram uma espécie de companhia que elegi depois de certa idade. Na escola, a biblioteca era um dos únicos lugares que transmitia um certo conforto e sempre considerei um grande ganho passar o horário do intervalo olhando aquelas capas, escolher os livros, levá-los para casa. Na Biblioteca Pública de Porto Alegre também. Essa curiosidade, alegria, diria, sempre fez parte da minha infância, da minha adolescência, mesmo vindo de uma família que não tinha o hábito da leitura de ficção e poesia.

MUNDO DIFERENTE

Minha relação com os livros foi muito importante porque eu me enquadrava no perfil do garoto que busca nas bibliotecas um mundo diferente, que busca a curiosidade de ficar olhando meio sem referência autores que nunca lhe foram indicados e constatar que apreciava o conteúdo escrito nesse livro. Isso para mim é muito mágico. Tanto que em meu livro *Habitante irreal*, faço uma referência rápida ao personagem que vai à biblioteca na hora do intervalo, um pouco para se esconder, um pouco para se justificar, compensar talvez um desespero, uma curiosidade que só é resolvida na leitura. Essa reformulação da história pelo leitor sempre foi clara para mim, quer dizer, é o leitor que dá vida para aquilo tudo. Sempre me senti protagonista do que leio, mesmo nas histórias em quadrinhos, nas primeiras leituras do Monteiro Lobato. Nunca me senti um agente passivo recebendo a história. Leio muito lentamente, e essa coisa de poder rever, voltar para o começo do parágrafo, voltar para o começo do livro, ajudou muito a minha formação de leitor.

FORMAÇÃO

Assim como acontece quando escrevo, quando leio tenho a sensação

de que é sempre a primeira vez. Talvez isso não seja tão forte em relação aos autores que já conheço, mas, mesmo com esses que me são caros, ainda acho que cada leitura é única. Talvez seja uma malquice minha, mas eu tenho essa impressão que sempre é uma reformulação dos meus parâmetros, das minhas referências. Tento não eleger, não colocar altares, tento não me fechar à condição de um leitor de referências, de opiniões, de conclusões, e por consequência, de preconceitos.

POESIA

A minha condição de leitor de poesia, de alguém que gasta dinheiro com poesia, me mantém aquecido. O diálogo com novos autores que me mandam originais também me mantém muito aquecido, justamente por conta dessa minha proposição de não me cristalizar. Tenho muito receio em relação aos cânones, não aos cânones dos outros, mas em relação aos meus próprios. Acho que a tendência de você canonizar aquilo que lhe parece importante, surpreendente e eterno é um comportamento quase que inevitável, mas, ao mesmo tempo, essa cristalização acaba impedindo que você consiga dialogar com trabalhos que talvez destoem dessa preferência, trabalhos que realmente inovem, coloquem uma nova perspectiva. Goste ou não, o avanço tecnológico coloca para o escritor novas referências e a literatura contemporânea tem essas novas referências. Então, luto para não me tornar um senhor que julga as coisas, sempre que posso me coloco frontalmente contra algumas tendências, inclusive tendências que são próximas ao meu gosto, me coloco contra as modas literárias.

MODA LITERÁRIA

Não sou contra as modas, afinal, elas refletem uma realidade que de fato está acontecendo. O problema da moda literária é que quando você tem 46 anos, fica

um pouco cansado de certas euforias, de certos entusiasmos. Você aprende a olhar de uma forma mais crítica, mais cética, para tudo que está consagrado, inclusive para si mesmo.

CÂNONES

É impossível viver uma vida de leitor sem seus cânones particulares, mas tento me trabalhar para que essas referências, essas eleições, não se tornem paredes que impeçam de ver outras coisas interessantes. Já fui jurado, já fui curador e, principalmente como jurado, você tem a oportunidade de participar de seleções. Muitas vezes, há trabalhos com os quais você não consegue dialogar diretamente, é necessário enfrentar aquele estranhamento que lhe causa, e depois, quem sabe, retomar aquilo justamente após feita toda a triagem dos livros que chegaram. Com essa separação, talvez você consiga entender, com uma grande dedicação, aquilo que não integra seu espectro de atenção, de preferência.

INFLUÊNCIA

Leminski foi muito importante para mim, afinal, vim de uma periferia de Porto Alegre, e ver aquele homem que tinha uma ótima dicção, uma postura encantadora, me deu coragem para admitir que eu gostava de poesia. Mas há outros autores que não consigo retirar do altar, digamos assim. Sartre também foi muito importante. Li, com 14 anos, *A náusea*. Louis-Ferdinand Céline que, para mim, é importante referi-lo não só pelo encanto que tenho em relação à obra, mas pelo fato de discordar das posturas dele enquanto cidadão francês. Sempre que preciso me enquadrar dentro de um questionário, assino como negro. Já militei no movimento político negro, e o racismo de Céline, não apenas em relação aos judeus, é algo condenável. Mas, nem por isso, como leitor, deixo de perceber que ele faz uma grande literatura.

“Acho que HQs e cinema são coisas que nunca vou conseguir desvencilhar do meu olhar de escritor, porque a TV, o cinema e os quadrinhos estão presentes desde sempre na minha vida.”

EXPOSIÇÃO

Publique meu primeiro livro já com uma certa idade, o que me impediu de alimentar certa fantasia e expectativa em relação a um possível retorno que eu viria a ter como escritor. Afinal, ao publicar *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros*, eu estava com 35 anos e quando saiu *Ainda orangotangos*, já tinha 37 anos, então não era mais uma criança. Bom, esse livro, *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros*, foi publicado a partir de uma campanha feita por pessoas próximas, que insistiam em vê-lo publicado. Diziam que não adiantava eu ficar somente escrevendo e mostrando para as pessoas próximas, tinha que publicar. Na época, confesso, eu tinha uma certa fantasia de que ia ficar escrevendo meus textos e ia deixá-los guardado dentro de uma caixa, dentro de uma gaveta, e quando eu morresse, alguém iria encontrá-los e descobriria o gênio que eu era. Mas não foi isso que aconteceu.

PRIMEIRO LIVRO

Sempre digo nas oficinas: se você tiver oportunidade de publicar seu livro, mesmo que do próprio bolso, como tantos grandes autores fizeram (e não só o primeiro livro, mas também o segundo, o terceiro), publique, porque essa exposição é uma coisa importante, é bom sair do comodismo. Ninguém falou nada do meu primeiro livro, até porque foi publicado com um pseudônimo. Essa escolha foi justamente para me preservar. Eu coordenava um dos maiores escritórios de advocacia do Rio Grande do Sul, lembro de conversar com meus sócios sobre essa publicação e eles me indagaram: “O que nossos clientes vão pensar dessa sua poesia psicopata, violenta e estranha?” Aí acabei cedendo.

POESIA

O interessante é que *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros* contempla poemas que escrevi entre os meus 15 e 30 anos. O critério de agrupamento dos textos foi apenas afetivo. É um registro completamente passional para mim, tenho certa vergonha dele, mas, ao mesmo tempo, certo orgulho, afinal, há muitas dores, muitas coisas que me perturbaram ali. Tem um poema, *Se o mundo é redondo*, que escrevi em razão de uma situação específica da seleção para o serviço militar, onde um sargento meio índio, meio mulato, agrupou todos os garotos negros nus em uma parede e ficou constrangendo todo mundo com uma série de piadas. Cheguei em casa e acabei escrevendo sobre aquilo.

VOZ LITERÁRIA

Tenho certa convicção em relação à minha poesia. Acho que tenho uma voz muito própria, que busco nesse lu-



“Se eu tivesse
que optar entre
escrever e ler, sem
dúvida nenhuma,
escolheria a leitura.”

gar que elegi dentro das minhas limitações de leitor, um lugar em que não há paz. Sustento, na minha poesia, esse lugar, essa certeza que me traz uma certa tranquilidade com relação ao que produzo na literatura e me deixa não tão preocupado em responder a expectativas, mas de fundar algo que realmente me interesse. Não acho que a minha literatura tenha que ser um meio para eu discursar e expor valores, ela não tem esse compromisso. Se você encontra algum discurso politizado na minha poesia, é porque talvez eu não consiga me desvencilhar disso, mas não acho que meus livros sejam instrumentos que mudarão o mundo, que conscientizarão as pessoas. Minha única preocupação é a linguagem. Tenho uma dificuldade muito grande em falar sobre meu próprio trabalho, mas o que posso dizer é que procuro um lugar onde não haja pares. Como leio muita poesia contemporânea, tento não replicar nenhuma dicção. Evidentemente que isso eu sustento dentro de uma limitação pessoal, pois certamente devo estar produzindo coisas que já devem ter sido feitas, de uma forma certamente melhor do que eu consigo fazer.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ESPAÇO

Uma coisa que me faz ter certeza de meu espaço no meio literário é minha condição de leitor. Não me considero um escritor. Se eu tivesse que optar entre escrever e ler, sem dúvida nenhuma, escolheria a leitura.

PROCESSO CRIATIVO

Não consigo admitir ou sustentar perante outras pessoas que haja um processo criativo consolidado, porque mudo a cada semana, a cada dia. O que posso garantir é que é sempre difícil escrever. Se você abandona o romance por quinze dias, você evidentemente é outra pessoa quando o retoma. Uma das coisas fantásticas de largar tudo para tentar viver só da ficção e da poesia, é que você não tem mais para onde correr. Aí você percebe que todo aquele romantismo da rotina literária, pelo menos para uma pessoa caótica como eu, acaba se diluindo, porque se entra numa guerra ferrenha e brutal contra você mesmo para conseguir produzir sem qualquer desculpa. Afinal, você tem o tempo que precisa, tem o ócio que precisa, tem o estranhamento e, digamos assim, o desafio da rotina que sonhou.

ESCREVER É DIFÍCIL

Respondo sempre que escrever é difícil. Superar seus critérios, considerando que já produziu outros livros, se torna cada vez mais difícil. Cada livro é um novo desafio, com uma nova proposta. É necessário que o narrador não se confunda com o autor. Mas a verdade é que o autor é uma marionete sendo guiado por traumas, referências, capacidades circunstanciais, emoções, ambições e resistências. Então, quer dizer, nem o autor tem controle em relação a esse motor que impulsiona a ficção. É impossível negar essa figura que te sustenta. Apesar disso, consigo ter muito claro que cada livro é um livro, quer dizer, as pretensões que me levam a escrever são diferentes.



O jornalista Yuri Al'Hanati conversou com Paulo Scott durante o sétimo encontro do projeto "Um Escritor na Biblioteca".



“Respondo sempre que escrever é difícil. Superar seus critérios, considerando que já produziu outros livros, se torna cada vez mais difícil.”

CINEMA

Particpei do processo de confecção do roteiro de *Ainda orangotangos* com uma perspectiva de novato, de olhar aquele roteiro que muda radicalmente meu livro e ficar chocado, acabar assinalando várias passagens, opinando. No fim, um pouco mais resolvido, me opus de fato só a uma passagem, mas de resto consegui perceber que o filme seria uma nova obra. Acho que quanto mais distante o autor conseguir ficar longe da adaptação de sua obra, muito melhor para o diretor e para a saúde do autor. Evidentemente que pode ser incrível atuar como uma espécie de consultor e ainda ganhar dinheiro com isso, o que vai te ajudar a pagar as contas. Mas acho que não vale a pena, teria que ser muito dinheiro para justificar que eu participasse desse processo de roteirização novamente.

VOLÁTEIS

Acho que HQs e cinema são coisas que nunca vou conseguir desvencilhar do meu olhar de escritor, porque a TV, o cinema e os quadrinhos estão presentes desde sempre na minha vida. A minha proposta ali [no romance *Voláteis*] foi de construir uma narrador-câmera em terceira pessoa, com um olhar mais objetivo, e, apesar disso, colocar entre parênteses uma certa releitura mais poética, mais caótica e confusa, daquela narrativa mais certinha e tão programada que o narrador apresenta. Se você perceber, *Voláteis* é um livro de vampiros. Está lá o Fausto, que fez um pacto com o diabo, que é a Lara, mas você pode perceber que são pessoas que estão sugando umas às outras. É uma novela com vários núcleos dramáticos, embora haja um protagonista que só se percebe no final, e ele acaba engolindo todos os outros, mas você vê que tem um corte bem clássico de novela.

ITHACA ROAD

Isso veio de uma conversa. Eu já tinha trabalhos para um seriado de TV, onde fui convidado pelo Rodrigo Teixeira [dono da RT Features]. Conversando com ele sobre a Austrália, o Rodrigo me perguntou se eu não gostaria de ir para lá. Achei ótima a ideia. No meu contrato havia uma cláusula dizendo que os protagonistas não poderiam ser brasileiros e a história de amor deveria acontecer na Austrália. Evidentemente que para o leitor brasileiro isso gera um desafio, afinal, aquela empatia autor/leitor diminui um pouco quando não se descobre uma referência mais imediata. O que acontece com o *Ithaca Road* é que a história foi completamente concebida para que só pudesse se passar em Sydney. Escrevi duas histórias antes de chegar à versão definitiva. Como já vinha de muitos anos de pesquisa sobre a questão indígena e li bastante sobre como o relacionamento dos índios e não-índios se resolveu na Austrália, acabei muito tentado em colocar como protagonista uma maori, mestiça de maori com inglês, porque é muito interessante o respeito que o branco tem em relação à cultura dos maori na Nova Zelândia. É totalmente diferente do massacre realizado pelos australianos brancos aos aborígenes. Então, identifiquei alguém vizinho à Austrália, que se encanta pelo lugar e elege Sydney como sua “terra do nunca”. Fiquei encantado com o Bear Park. Para chegar nele, é necessário andar por essa rua chamada *Ithaca Road*. É bem fácil de perceber também uma proximidade com a ilha de Ithaca, Ulisses e Penelope, só que a Narelle, minha protagonista, não é uma Penelope que fica esperando o Ulisses voltar. Nunca tinha pensado nisso antes, mas é possível que a Narelle seja o próprio Ulisses querendo voltar para o lugar de onde foi retirada por conta de um trauma.

ESTRUTURA

O que incomoda um pouco as pessoas e encanta outras — a ponto de pessoas de dentro da Companhia das Letras dizerem que não há outro livro com essa estrutura dentre os publicados pela editora —, é que o arco narrativo da novela está fechado em torno do egoísmo da protagonista e isso é um risco que corro muito motivado pela conjuntura de Sydney e da escolha da personagem, que foi o ponto de partida. Acho que a personagem é a cidade, a grande antagonista da Narelle é Sydney. Até brinco com meus alunos de oficinas, afinal, nada mais clichê que um personagem começar o conto ou o romance, olhando pela janela. E o *Ithaca* começa assim, propositalmente ela olhando pela janela e observando aquela rua, aquela cidade, aquele país que lhe desperta sentimentos de amor e ódio. As idiossincrasias e peculiaridades da cidade são muito marcantes nesse livro.

HABITANTE IRREAL

Discordo um pouco dessa coisa que o *Habitante irreal* é um marco na minha carreira. Essa foi a apresentação dos editores, afinal, é obrigação deles colocar em cheque os livros que estão editando, mas não concordo com isso. É mais um livro, mas não um livro que nasceu para ser engajado. Muita gente chama o *Habitante irreal* de livro profético, porque foi lançado em 2011, antecipando tudo isso que tá acontecendo hoje em dia. É um romance que faz um balanço da postura ideológica e das ambições políticas e sociais. Pelo menos no viés que eu faço, especificamente. ■

Leituras de um outsider

Lenda viva do rock gaúcho, mas desconhecido no resto do país, o músico bebeu na fonte dos escritores *beat* para elaborar sua poesia romântica e desencantada

OMAR GODDY

Júlio Reny não tem computador, perfil em rede social e nem endereço de e-mail — o que só reforça, ainda mais, sua condição de *outsider*. “Acabei ficando à parte do mundo virtual. Mesmo nos anos 1990, quando ainda escrevia textos para rádio, só usava a máquina”, conta o músico e compositor gaúcho de 54 anos, praticamente desconhecido fora de seu Estado.

Na ativa desde o final dos anos 1970, Reny fez história na cena musical de Porto Alegre com os discos *Último verão* (1983) e *Júlio Reny & Expresso Oriente* (1989), que renderam clássicos locais como “Amor e morte”, “Cine Marabá”, “Não Chores Lola” e “Uma Tarde de Outono de 73”. O destino, no entanto, não quis que o “Lou Reed dos pampas” levasse seu trabalho para o resto do país, ao contrário do que aconteceu com várias outras bandas gaúchas surgidas no mesmo período (Engenheiros do Hawaii, DeFalla, Nenhum De Nós, Os Cascavelletes, etc.).



Divulgação



Como o mercado de música no Rio Grande do Sul é relativamente autossustentável, o artista seguiu em frente fazendo *shows* e produzido álbuns por lá mesmo, como solista ou à frente dos grupos Cowboys Espirituais e Os Irish Boys (com quem gravou seu último disco, *Bola 8*, de 2010). Seu currículo ainda inclui o programa *Rádio cool*, exibido na Ipanema FM entre 1988 e 1994. Cultuada em Porto Alegre por sua combinação de música e fragmentos poéticos (assinados pelo próprio Reny), a atração acabou virando livro anos depois.

“Essa coisa de ser *outsider* simplesmente aconteceu, não foi algo que eu quis para mim”, desconversa o músico, que tem como marca registrada uma poesia ao mesmo tempo romântica e desencantada, com poucos paralelos no *rock* brasileiro. “Respeito muito o Cazusa como poeta, mas minhas grandes referências nacionais são Roberto e Erasmo, pela veracidade com que abordam cada tema que pegam para trabalhar”, revela.

Júlio Reny não tem o mínimo pudor em dizer que não é fascinado pela cultura do Brasil. “Nunca li Monteiro Lobato. Do Erico Verissimo, que é daqui do Rio Grande do Sul, eu só li um pedaço de *O tempo e o vento*”, diz. Seus escritores preferidos são os americanos da geração *beat*, que conheceu por meio dos lançamentos da editora Brasiliense, nos anos 1980. De cabeça, cita Jack Kerouac (“*On the road* é obrigatório”) e Lawrence Ferlinghetti (“A poesia dele me marcou demais”).

Reny também leu muito os romances policiais de Raymond Chandler (“Gosto da secura dos personagens, das mulheres fatais e dos bandidos dissimulados”) e, sobretudo, Charles Bukowski. “A forma despojada e autobiográfica com que o Bukowski escrevia me bateu forte. *Cartas na rua* e *A mulher mais linda da cidade* foram fundamentais para mim”, afirma.

Mas sua formação literária começou muito antes dessa descoberta da América. Criado numa casa sem muitos livros, o artista iniciou seu percurso como leitor ainda criança, por meio da obra do professor, matemático e escritor carioca Júlio César de Melo e Souza — mais conhecido como Malba Tahan. “Sempre fui um aficionado por histórias que se passam no Oriente, no deserto. Uma vez, não sei bem por quê, alguém deixou um livro do Malba Tahan lá em casa. Eu li, me interessei por aquele universo e passei a frequentar bibliotecas atrás de outras obras dele.”

Já na adolescência, Reny buscou os clássicos universais. Dessa fase, destaca duas leituras: *O homem da máscara de ferro*, de Victor Hugo (“Fiquei fascinado pela tenacidade do personagem, que vai ao inferno e volta por cima”), e *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (“Me marcou muito pelo universo fantasioso e pelas trapalhadas que ele promovia”).

Sobre a produção atual de literatura, ele não tem muito a dizer. Com sérios problemas de visão, praticamente não lê nada há dois anos. “Tenho dificuldade até para ler o roteiro dos *shows*, que fica colado no chão”, diz o músico, que reduziu sua agenda profissional e hoje faz apenas duas ou três apresentações por mês.

Por coincidência, a reportagem do **Cândido** entrou em contato com Reny dias antes do lançamento de sua primeira faixa inédita desde 2010. Gravada com Os Irish Boys, “Alice no país da ternura” é uma canção típica de seu repertório: com sonoridade *country rock*, conta uma história de solidão e desencanto (no caso, a paixão impossível de um homem por uma garota de programa). O registro está disponível em soundcloud.com/julioireny, endereço que também abriga outras composições marcantes da carreira desse herói marginal e obscuro da música brasileira. ■

À maneira negra

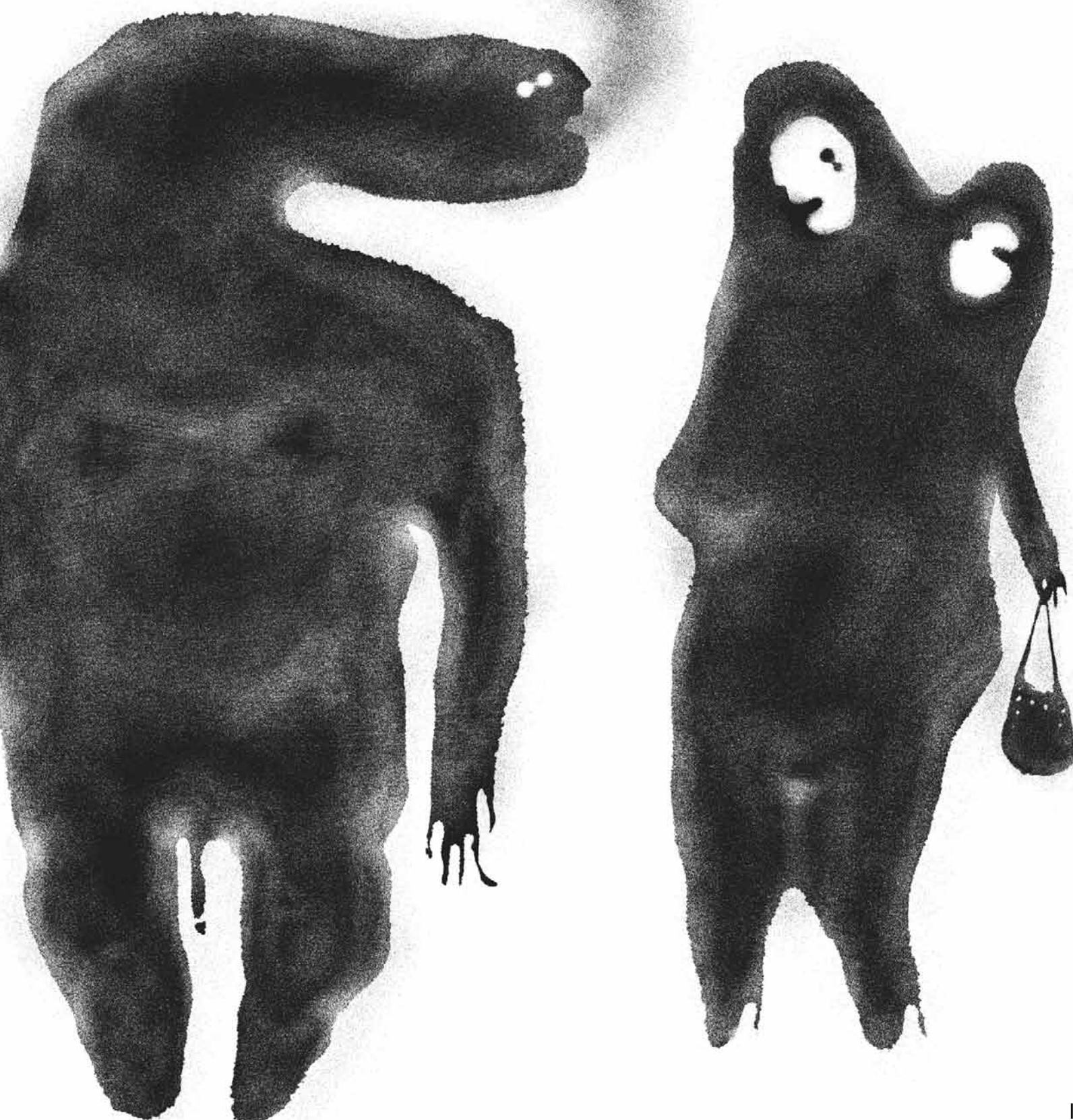
“Vai-se uma geração e vem outra; perdura somente a terra.”

Eclesiastes, 1:4

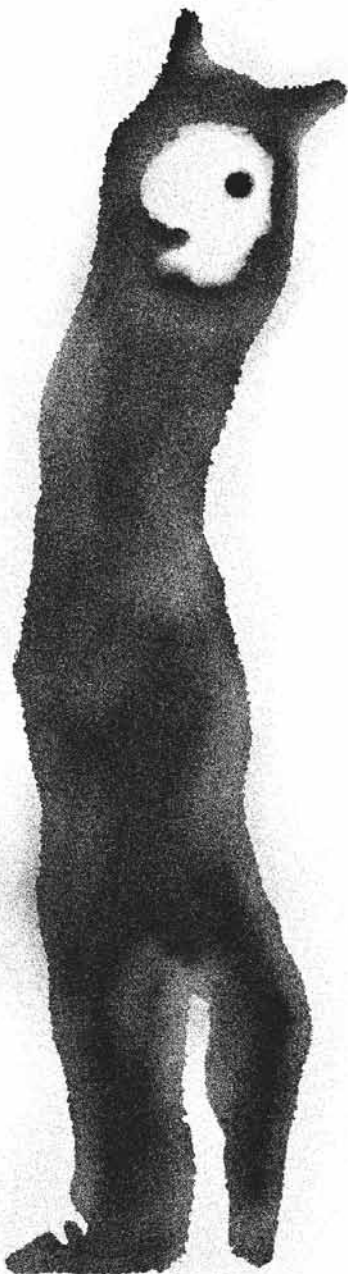
...e ela tinha lá suas dúvidas sobre se esse menino tinha consciência de sua crueldade, mas ela sabia, sim, que ele era cruel, principalmente naquele dia do passeio pela Saldanha Marinho, ele ironizando a Sinagoga, hoje não muito mais que escombros, dizendo que o que faltava era um grupo árabe comprar aquele imóvel e fazer lá um memorial qualquer do mundo islâmico, afora dias antes ter sugerido um hotel naquelas proximidades, um hotel cujas reservas foram feitas às cegas, acreditando-se nele, sem sopesar sua ironia, um hotelzinho vagabundo e sujo, um lugar para onde — ele mesmo iria frisar depois — iam casais zinhos sem carro encontrarem-se às escondidas, o pai aceitando tudo, dizendo que o filho poderia ter se enganado, que essas coisas acontecem e que eles precisavam de uma cama e nada mais e que no dia seguinte poderiam, sim, tentar o Íbis, sempre no dia seguinte, sendo que ela queria apenas conforto e mais nada para visitar o filho estudando nessa cidade,

essa cidade ela mesma como uma prostituta de largos braços, personificada aqui e ali na imaginação dela como um demônio feminino louro, de seios fartos escravos, com um dos braços lânguidos a tocar o mar e outro os campos gerais, debruçada por sobre um divã verde musgo, estampado em araucárias e aves azuis, com quem ela agora deveria lutar, uma briga, então, entre duas mulheres, essa cidade que lhe roubara o filho, que lho levara de casa, com um chamado ancião, de séculos e séculos, com um sorriso de impudicícia, e agora esse lugar, essa rua repleta de drogaditos, sodomitas, sibaritas, silenos e gigolôs, protegendo essa meretriz e promovendo para ela um lar, um templo e um castelo, essa filha de tropeiros e de desterrados, essa mulher bonita e bem maquiada, mas a quem falta um dente, que bem disfarça, e a quem falta berço, que não pode disfarçar, pois que berço não se herda, não se subtrai a alguém, não se ganha com casamento arranjado, não se empresta de, não se dá por osmose, não se disfarça com móveis comprados em antiquários, essa cidade Salô, essa mulher Salomé, e lá vão eles contornarem a praça Santos Dumont, para visitarem o Museu Andrade Muricy, verem parte de uma mostra sem sentido e sem graça, ela já com dores nos pés, e haveria muita caminhada até o HC,





EM BUSCA DE CURITIBA | BENEDITO COSTA NETO



eles planejando uma parada no Paço da Liberdade, para tomarem água e café, esse Andrade Muricy bicéfalo, abarrotado de esquisitices de gente doida, do que ele disse serem trabalhos de uma Bienal Internacional, até que, pela graça de Deus, no andar de cima, ela encontra o que poderia ser algo normal, mas chegando perto percebe que não, que mesmo na esperança há o que não é estável, e ela poderia desfrutar, mas é impedida, essas imagens que vão persegui-la durante todo o dia, gravuras de uma sociedade Cavalieri, degenerados especialistas em monstruosidades e deformidades, e uma imagem em particular a persegue, a de um gravador à maneira negra, Conde Palatino do Reino, Duque da Baviera, dito Rupert, e uma gravura que mostra um homem com muitas faces, que poderia ser um sacerdote do templo ou um profeta, mas está ali esfacelado, e ela se vê nele, esfacelada, múltipla, mutilada, muitos rostos num só, como tivesse sido despedaçada e depois reagrupada com cola, como em trabalhos de outros artistas que vira mundo afora, ela, essa Maria das Sete Chagas dos cristãos, ela, essa *mater dolorosa*, arrancando e pondo de volta as espadas ela mesma, sangue em cima de sangue coagulado, e, depois, o ar, o sol, a rua Andrade Muricy, enfim, e nada mais de bicicletas superpostas de um artista ativista chinês, nem gravuras, nem pequenos trabalhos de uma artista inglesa, e eles descem até a XV, caminham por entre as gentes, e chegam à Praça Osório, até esse restaurante coreano, com essa comida estranha, elogiada pelo filho, que comem com certas reservas, aí de volta à praça, o filho mostrando o que já conhecem há décadas, como o chafariz, que ele descobriu recentemente, de que tirou fotos, postou no face,

e novamente a rua, cheia de pedras, e não muito perto dali, depois de contornar a Praça Tiradentes e um corredor de flores que a observam tristes, o Paço da Liberdade, enfim, fazendo jus ao nome, um pouco de sombra e água, esse piso de madeira e essas portas *nouveau*, pela graça de Deus, um pouco de bom gosto, depois de tanta deformação, esses torneios dessas portas de madeira, esse edifício restaurado, água e café com muito açúcar, esse menino que não para de falar, de contar vantagens da cidade, esse marido quieto e complacente, que aceita tudo, depois essa rua de pedras brancas e negras de novo, esse desaconchego irregular, a rua famosa no passado, para onde vinham eles comprar coisas quando o nascimento do menino nem era sonho, quando tudo isso aqui era bonito e elegante, eles nem muito ricos nem muito pobres, mas gente decente, depois a Praça Santos Andrade, a Reitoria acolá, onde ele fazia uma disciplina ou outra desse curso tão sonhado, numa faculdade federal enfim, depois de tanto cursinho e dinheiro gasto, e, outras quadras depois, ela já não sabia se muitas ou poucas, o HC, onde ele um dia iria começar seu caminho longo para clinicar, o filho e o pai rindo, contando piadas sobre situações médicas, e em relação ao riso ela se perguntava se não era loucura e em relação à alegria ela se perguntava aonde conduziria, e clama por um táxi, e voltam para o hotel, onde dorme, pensando em gravuras, pedras irregulares e mulheres da vida lou-ras, e ela voltará sozinha ao Andrade Muricy, na manhã seguinte, enquanto o marido vai resolver coisas da compra do apartamento no Batel, para lá instalarem seu rebento único, e seu rosto, assim, deformado, à maneira negra, várias faces numa só,

esse filho temporão, a gente vivendo entre o amor e o medo, ela em frente a uma gravura de La Gourdain, um autorretrato com a boca deformada, como se a não pudesse abrir, impedido de falar, e ela assim, impedida de falar, uma escuridão silenciosa, uma prisão escura, ela abrindo e fechando o zíper da bolsa infestada de logos, que a moça da loja dissera ser testado três mil vezes, ela imaginando uma pessoa abrindo e fechando o zíper três mil vezes, até definitivamente provar que, sim, ele é bom, e merece estar numa bolsa de logos estampados, numa vitrine de um shopping de luxo, bolsa que ela ganhara como se recebesse uma esmola, um consolo pela perda, e ela pensará, enfim, que há tempo para tudo, um tempo para curar e um tempo para exterminar, um tempo para chorar e um tempo para dançar, e horas depois, depois de abraços e de lágrimas, depois de um trânsito infernal até o Afonso Pena, estará ela lá, e ela lá no fundo não teria certeza se ele saberia, mas certamente ela saberia que tinha perdido o filho para a nora perfeita, mas, afinal, quando voltariam mesmo?, afinal, há um tempo para se pronunciar e um para silenciar, e, afinal, até mesmo essas pedras brancas e pretas foram colocadas com paixão, e ela jamais teria certeza, mas... ■

 **Benedito Costa Neto** nasceu em Quatiguá (PR) e estudou em São José dos Campos. Trabalha com consultoria linguística. É escritor, crítico de arte e designer bissexto. Estreou na ficção com *Diante do abismo* (2011). Desde 1993, vive em Curitiba (PR).



POEMA | ALTAIR CIRILO DOS SANTOS

a estrutura

A estrutura
me induziu
à compostura.

Me seduziu
com sua estranha
formosura.

Como aranha
me prendeu
ensinou-me sua doçura.

No entanto,
perdeu seu tempo
com tanto encanto:

Minha alma germinou
em inversa arquitetura.



Altair Cirilo dos Santos nasceu em 1965, em São João do Caiuá (PR).

Escreve desde a adolescência, dedicando-se à poesia e ao conto. Participou de diversos concursos nacionais, obtendo premiações e classificações, com destaque para o FEMUP – Festival de Música e Poesia de Paranavaí. Concluiu os cursos de Letras e Direito. Em 1985 ingressou na Polícia Militar do Paraná, exercendo atualmente a função de Sargento no Pelotão de Radiopatrulha do 8º Batalhão de Polícia Militar de Paranavaí. Autor, entre outros, do livro de poemas *Viagens* (2012). É membro fundador da Academia de Letras e Artes de Paranavaí, onde reside.

Ilustração: **Lalan Bessoni**



O outro lado do paraíso

Retrato mais fiel já
realizado dos loucos anos
1920, *O grande Gatsby*,
terceiro romance de
F. Scott Fitzgerald, foi um
fracasso comercial de início
e enfrentou resistência de
parte da crítica

GUILHERME MAGALHÃES

“**E**stou cansado de ser o autor de *Este lado do paraíso* e quero começar de novo”. A frase, dita por F. Scott Fitzgerald (1896-1940) ao seu editor, Maxwell Perkins, em 1924, reflete o estado de espírito do escritor americano nos meses que antecederam a escrita daquela que é considerada sua obra-prima, *O grande Gatsby*, publicado em abril de 1925 e por vezes apontado como o grande romance americano do século XX. *Este lado do paraíso*, seu livro de estreia, teve boa acolhida da crítica e do público, fato replicado com o romance seguinte, *Os belos e malditos*, ainda que em menor escala. Scott, porém, queria mais do que ser um romancista que sobrevivia do dinheiro pago pelos contos que publicada em revistas.

O escritor começou a trabalhar em sua terceira narrativa longa em julho de 1923, poucos meses após a publicação de *O vegetal*, peça de tom surrealista. A primeira incursão de Fitzgerald no texto dramático acabou se revelando também no seu primeiro fracasso. O casal Fitzgerald — Scott casara-se com a também escritora Zelda Fitzgerald três anos antes — viu-se em sérias dificuldades financeiras, motivadas pela extravagância dos gastos da dupla.

O fiasco teatral abriu os olhos de Scott para o fato de que ele não poderia mais gastar e beber desenfreadamente. A fim de saldar as dívidas, teve que escrever mais e mais contos para revistas, inclusive alterando detalhes para torná-los mais vendáveis, o que chocava seu amigo e escritor Ernest Hemingway, que Fitzgerald conheceu em Paris. O autor de *O velho e o mar* costumava



Fitzgerald e Zelda: o casal viveu a todo vapor os anos 1920 e pagou um preço alto pelos excessos da “Era do Jazz”.



chamar tal prática de “aputalhamento”. Fitzgerald precisava se reinventar e se reafirmar ao mesmo tempo.

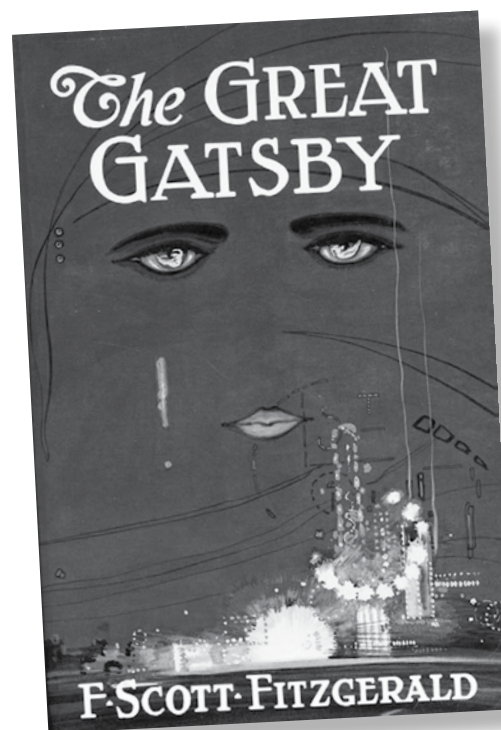
TEMPORADA NA RIVIERA

Com as dívidas quitadas, em maio de 1924, os Fitzgerald deixam os Estados Unidos rumo à França. Após uma breve parada em Paris, os dois fixam residência na Riviera francesa, onde ele de fato escreveria o romance, entre junho e outubro daquele ano. Joseph Conrad, autor do clássico *O coração das trevas*, é um dos autores que mais o influenciaram nesse período. Scott teria dito ao crítico americano H. L. Mencken que aprendera muito com Conrad e havia imitado seu estilo de forma consciente.

Scott confessou à Hemingway que o prefácio que Conrad escreveu para seu próprio romance *O negro do Narcissus* lhe ensinou que a ficção “deve apelar para os prolongados efeitos posteriores na mente do leitor”. Fitzgerald relia o livro enquanto escrevia *O grande Gatsby*, que é marcado justamente pela sutileza ao retratar um período tão exacerbado como foram os anos 1920, os “anos loucos”, “a orgia mais cara da história”, como ele mesmo descrevia a “Era do Jazz”. A trama do romance se desenrola nos subúrbios de Nova York, região onde o casal Fitzgerald viveu entre 1922 e 1924, na península de Great Neck, representada por West Egg no livro e que abrigava os novos ricos. Do outro lado da baía, moravam os aristocratas tradicionais de Port Washington (East Egg na ficção). Tal oposição constituiu o cerne da história.

A construção dos personagens do

romance foi influenciada tanto pela observação de Scott acerca da dicotomia moral e visual presente na vizinhança, quanto por acontecimentos da vida do próprio escritor. A bela Daisy da narrativa tem um pouco de Zelda e um pouco de Ginevra King, debutante de Chicago que Scott conhecera nos tempos de faculdade, em Princeton. Seu marido, o riquíssimo Tom Buchanan, foi inspirado em Tommy Hitchcock, jogador de pólo, de perfil atlético e aristocrata, além de principal amigo do escritor nos dias de Great Neck. A própria forma como Tom reconquista Daisy na ficção lembra a maneira como Scott reconquista Zelda, após ela se envolver com um aviador da marinha francesa, Édouard Jozan, durante a escrita do romance.



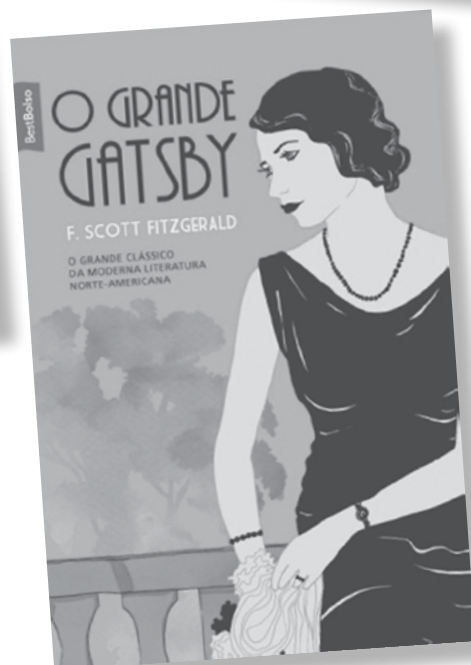
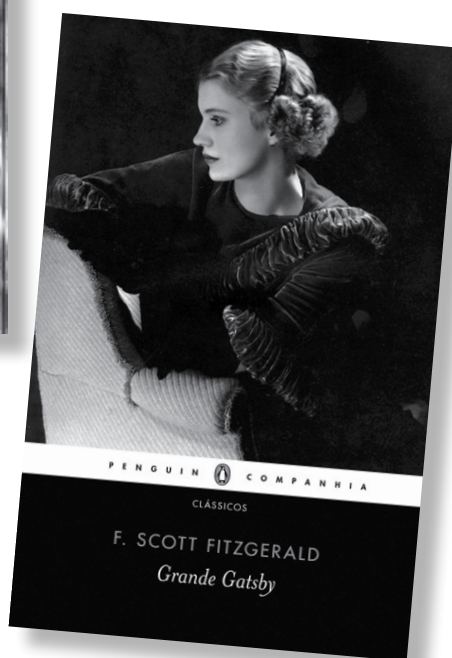
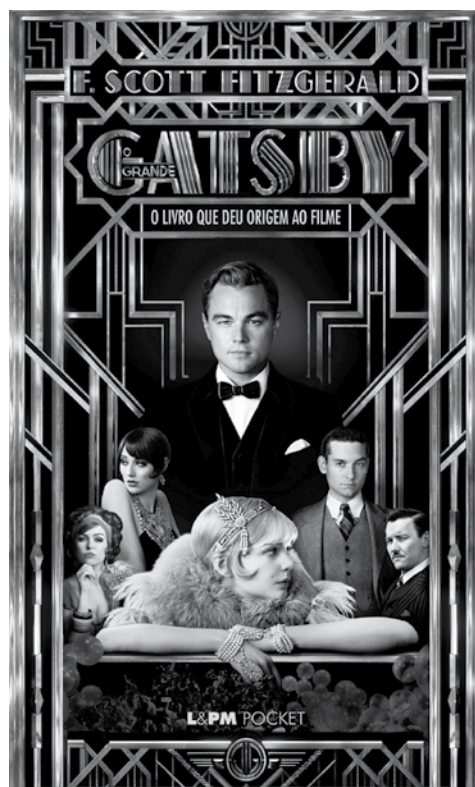
Retrato de Francis Scott Fitzgerald tirado em 1928.

RECEPÇÃO MORNA

As críticas mostraram-se indecisas e muito distantes da unanimidade da qual *O grande Gatsby* desfrutaria décadas mais tarde. Isabel Paterson, do *New York Herald Tribune*, afirmou: “O que nunca foi vivo não pode muito bem continuar a viver, então este é um livro para a temporada apenas”. A escritora e crítica Edith Wharton classificou o livro como um avanço em relação aos títulos anteriores de Fitzgerald, porém fez duras ressalvas ao protagonista: “Para fazer Gatsby realmente grande, você devia ter nos mostrado o início da carreira dele (não desde o berço, mas desde sua primeira visita ao iate, se não antes), em vez de um pequeno resumo. Isso teria situado Gatsby e teria transformado sua tragédia final em verdadeira tragédia, ao contrário de *fait divers* para os jornais”, escreveu Edith.

A famosa capa da primeira edição de *O grande Gatsby*, publicada em 1925, foi ilustrada pelo artista espanhol Francis Cugat, que recebeu 100 dólares pelo esboço em guache que ele intitulou de “olhos celestiais”.

MAKING OF | O GRANDE GATSBY



A mais recente adaptação cinematográfica de *O grande Gatsby* promoveu uma enxurrada de reedições do romance. Aqui algumas das versões em português.

H. L. Mencken, um dos críticos mais mordazes dos anos 1920, por sua vez, queixou-se da trivialidade da história. “Mas Deus o perdoará por isso”, comentou. Dentre as impressões positivas, Hemingway, que raramente elogiava seus contemporâneos, disse se tratar de “um livro de primeira ordem”, enquanto o poeta T. S. Eliot foi além: “Parece-me ser o primeiro avanço da ficção americana desde Henry James”. A revista de Eliot, *The Criterion*, chegou a publicar duas resenhas elogiosas de Gilbert Seldes e Conrad Aiken, ambos críticos americanos. Scott, no entanto, se sentiu decepcionado após a primeira recepção da crítica, afirmando que, “de todas as resenhas, mesmo as mais entusiasmadas, nenhuma teve a menor ideia de sobre o que era o livro”.

As livrarias trariam notícias ainda piores para o escritor. Durante o período em que Fitzgerald esteve vivo, ou seja, até 1940, *O grande Gatsby* vendeu nos Estados Unidos apenas 25 mil exemplares, número muito aquém dos dois primeiros romances do escritor. Na época, Scott mantinha uma espécie de caderno de finanças, que hoje está preservado, assim como seus diários, no acervo F. Scott Fitzgerald’s Ledger da Universidade da Carolina do Sul, nos EUA. Ele escreve que, no ano de lançamento de *Este lado do paraíso*, em 1920, as vendas do livro lhe proporcionaram 6.200 dólares. *Os belos e malditos*, lançado em 1922, lhe rendeu 12.133 dólares naquele ano. *Gatsby*, porém, passado o ano de lançamento (1925), trouxe míseros 1.981 dólares para os bolsos de Scott.

Após o fracasso comercial, ele disse a Maxwell Perkins, seu editor, que continuaria como romancista caso o livro lhe sustentasse. “Caso contrário, vou parar, volto para casa, vou para Hollywood e aprendo a trabalhar para o cinema. Não posso reduzir nosso padrão de vida e não suporto essa insegurança financeira”, desabafou. O resultado foi a volta do escritor

às histórias comerciais até que tivesse juntado dinheiro suficiente para escrever seus romances — *Sua é a noite*, seu próximo livro do gênero, sairia somente em 1934. Scott atravessou os anos 1930 sendo gradualmente esquecido em Hollywood, onde trabalhou como roteirista até sofrer um ataque cardíaco fatal e falecer aos 44 anos.

RENASCIMENTO

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cerca de 155 mil cópias de *O grande Gatsby* foram distribuídas aos soldados americanos. De fato, é no período de guerra que o romance passa a ser visto com olhos renovados pela crítica americana. O crítico Edmund Wilson foi o grande responsável por resgatar a reputação de Fitzgerald após sua morte, em 1940. Wilson publica uma nova edição do romance em 1945, com introdução do acadêmico Lionel Trilling, que atesta: “Fitzgerald está agora começando a tomar seu lugar em nossa tradição literária”. No início da década de 1950, surgem as primeiras dissertações e teses sobre o livro. E se antes vender era um problema, hoje não mais. O romance de Fitzgerald vende em média 500 mil exemplares por ano em todo o mundo, e está traduzido em 42 idiomas.

Ao terminá-lo, o próprio autor enxergara falhas. Admitiu não saber quem era Gatsby e em que atividades criminosas o personagem estava envolvido, e disse que a combinação de origens de seu protagonista tornaram-no confuso e desigual: “Nunca, em nenhum momento, eu mesmo o vi com clareza, pois ele começou como um homem que conheci e depois se converteu em mim mesmo — o amálgama nunca ficou completo em minha mente”. Muito se escreveu sobre o narrador de *O grande Gatsby*, Nick Carraway, ser o alter ego de Scott. Contudo, através da história de Jay Gatsby e sua (frustrada) tentativa de entrar para o mundo dos ricos e viver o sonho americano, Fitzgerald acabou contando sua própria história. ■



Cenas brasileiras



Com a série de reportagens que segue nas próximas páginas, o **Cândido** encerra o especial que procurou retratar os principais movimentos literários fora do eixo Rio-São Paulo, os dois polos editoriais que monopolizam as atenções no país. Iniciado na edição de outubro do **Cândido**, quando o jornal publicou reportagens e autores de Porto Alegre (RS), Londrina (PR), Recife (PE), Belém (PA) e Fortaleza (CE), esse mapa das cenas literárias brasileiras mostrou o que acontece, em termos de literatura, em grandes centros brasileiros, que concentram muitos e variados autores e projetos, mas que dificilmente ultrapassam os limites da cidade ou Estado em que são concebidos. Com a publicação, nesta edição, das matérias sobre Manaus (AM), Florianópolis (SC), Brasília (DF), Salvador (BA) e Belo Horizonte (MG), concluí-se um recorte sobre uma literatura brasileira que não costuma frequentar os cadernos de cultura dos grandes jornais e revistas. Não é um recorte definitivo. O que, por si só, já é um alento, pois se existem muitos outros autores e iniciativas no campo da literatura do que aqueles mostrados nas dez reportagens contidas nas edições de outubro e novembro do jornal da Biblioteca Pública do Paraná, é sinal de que há um movimento em direção ao fortalecimento da literatura brasileira contemporânea. ■

Ilustração: Índio San



Muitos escritores à procura de leitores

Berço de renovadores da literatura brasileira como Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Murilo Mendes, Belo Horizonte continua a gerar bons autores, mas sofre com a falta de leitores interessados na produção local

MARCELO MIRANDA

Todos os sábados pela manhã, a Savassi — região comercial na zona sul de Belo Horizonte — recebe variados lançamentos de livros, atraindo dezenas de pessoas que circulam pelo “corredor livreiro” que inicia na rua Fernandes Tourinho, passa pela avenida Cristóvão Colombo e se completa na rua Paraíba. Poesia, prosa, infantil, ilustração, revista, jornal: tem espaço para todo gênero e conceito. O grande mistério, porém, permanece: onde estão os consumidores da literatura produzida em Minas Gerais?

A questão talvez seja o grande entrave literário do Estado atualmente. Em Belo Horizonte, onde se concentram autores, editores e livrarias, falta, em âmbito geral, a parte final da equação: o leitor. “A ficção brasileira hoje no Brasil não é consumida”, afirma o crítico literário e produtor Afonso Borges, usando como principal medida de argumento as listas de títulos mais vendidos no país. “Dê uma olhada em qualquer lista dessas. Não há autores brasileiros, porque falta interesse pela nossa literatura”. Mesmo o *best-seller* que se tornou *Toda Poesia*, reunião da obra poética do paranaense Paulo Leminski, é a típica exceção que apenas reforça um dado concreto, conforme aponta Borges.

Se a situação é assim em âmbito nacional, em Minas Gerais o reflexo tem sido ainda mais forte. Berço de renovadores da literatura brasileira até hoje estudados e incensados — Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Murilo Mendes, Fernando Sabino, Pedro Nava, para citar apenas alguns mais óbvios —, a literatura mineira vem de uma tradição que, se continua mobilizando novos autores, não encontra respaldo na produção contemporânea. “A literatura perdeu muito de seu espaço nas últimas décadas em comparação ao prestígio que acumulou até meados do século XX. Em Minas, isso não é diferente”, diz o crítico, jornalista e poeta Fabrício Marques. “Ao mesmo tempo, vejo crianças lendo com interesse livros de coleções de aventura. Precisamos,



Divulgação

Carlos de Brito e Mello iniciou sua carreira publicando pela editora Scriptum, de BH, mas depois migrou para a Companhia das Letras, que publicou seu segundo livro, o romance *A passagem tensa dos corpos*.



Divulgação

Autor de *Via férrea*, o poeta Mário Alex Rosa atualmente é publicado pela editora Cosac Naify, de São Paulo.

portanto, descobrir formas de atrair o interesse.”

Na opinião de Afonso Borges, alguns dos principais autores mineiros em plena atividade no cenário nacional — entre eles, os poetas Mário Alex Rosa e Ana Martins Marques e os romancistas Carlos de Brito e Mello, Jeter Neves e Carlos Herculano Lopes — acabam deixados de lado pelo que ele aponta como desinteresse, tanto dos leitores em geral quanto de professores e acadêmicos. “A universidade há muito abandonou a literatura brasileira. As novas gerações estão sem referência, os novos autores ficam sem apoio e as editoras, dando tiros no escuro, acabam por parar de publicá-los.”

Param ou, no caso de empresas como a Scriptum — há oito anos publicando livros em Belo Horizonte —, abrem caminho para autores que posteriormente vão encontrar abrigo em casas editoriais de maior porte fora de Minas Gerais. Aconteceu com os citados Carlos de Brito e Mello (cujo volume de contos *O cadáver ri dos seus despojos* saiu pela Scriptum em 2007, dois anos antes de ele publicar seu primeiro romance, *A passagem tensa dos corpos*, pela Companhia das Letras), Ana Martins Marques (*A vida submarina* pela editora mineira em 2009, *Da arte das armadilhas* pela Companhia em 2011) e Mário Alex Rosa (*Ouro Preto* na Scriptum em 2012, *Via férrea* pela Cosac Naify este ano).

Nessa “intensa aventura” de publicar em Minas, como define Welbert Belfort, editor da

“Acho que Minas tem hoje uma cena literária muito viva e variada, tanto na poesia quanto na prosa. Não me atrai pensar em uma literatura ‘mineira.’”

Ana Martins Marques, poeta.



A poeta Ana Martins Marques, autora de *A vida submarina*, é uma das revelações da poesia mineira nos últimos anos.

Scriptum, há também outras editoras, de catálogos variados — como a Crisálida e a Autêntica — e também algumas ligadas a instituições, casos da Editora UFMG e da Funalfa (esta, em Juiz de Fora).

“Temos muito orgulho de chamar atenção para alguns autores e vê-los publicando em editoras de outros Estados, pois infelizmente o leitor mineiro ainda valoriza apenas aquilo que é reconhecido lá fora”, comenta Belfort. “Nunca gostei desse tipo de reclamação, mas constatei ser verdade: o reconhecimento para aquilo que é ‘legitimado’ em outro Estado ou país é real em Minas. Isso cria um círculo vicioso, pois os autores buscam editoras fora de Minas porque só assim vão ser lidos por seus conterrâneos, e os leitores mineiros ignoram os autores de seu Estado enquanto eles não publicam fora.”

A poeta Ana Martins Marques prefere olhar para a literatura sem delimitações de espaço. “Acho que Minas tem hoje uma cena literária muito viva e variada, tanto na poesia quanto na prosa. Não me atrai pensar em uma lite-

ratura ‘mineira’”, diz ela. “Me interessa mais tentar observar como a literatura feita em Minas se conecta a outros contextos e tradições, num processo de elaboração que não se contém nas fronteiras do Estado.”

Num contexto em que a demanda por publicar segue cada vez mais alta, alguns outros nomes que se destacam na literatura mineira contemporânea já têm trajetórias sedimentadas, mas permanecem um tanto à margem da atenção da grande mídia justamente por permanecerem editando no Estado, como Ricardo Aleixo, Antonio Barreto, Libério Neves, Adão Ventura, Edimilson de Almeida Pereira e Sebastião Nunes, entre outros.

PUBLICAÇÕES E INCENTIVOS

Em termos de espaços para divulgação da literatura, Belo Horizonte conta com a Bienal do Livro de Minas, evento cuja próxima edição está prevista para 2014. Trata-se de típica feira literária, composta por estandes de editoras, programação cultural, lançamentos,

mesas de debates e espaços de discussão. É ainda a principal iniciativa do gênero na capital. No interior, a Flop — Fórum das Letras de Ouro Preto, realizado pela UFOP (Universidade Federal), teve sua primeira edição em 2005 e, desde então, anualmente tenta seguir os moldes da Flip (Feira Literária de Paraty) na maneira de se organizar e apresentar a programação, realizando debates temáticos, leituras e homenagens.

“Eu acredito em um modelo de evento experimental e inovador como foi a Bienal de Poesia em 1988, que teve apenas uma edição e trouxe grandes nomes para BH, gerando espaço fértil de discussões, poderia ser um contraponto ao modelo estritamente comercial das feiras de hoje”, diz Fabrício Marques. “Não acho que as feiras precisem acabar, mas o poder público tem que oferecer biscoitos finos e investir na formação de leitores, na formação de autores, no fomento de produção de nomes já estabelecidos, na divulgação de editoras pequenas, no estímulo à crítica literária, entre outras ações.”

Nas publicações, o único periódico regular de literatura produzido em Belo Horizonte é *Suplemento Literário de Minas Gerais*, fundado em 1966 por Murilo Rubião e ainda hoje um espaço para ensaios, ficção, poesia, resenhas, artigos e trabalhos de experimentação. Editado pela Secretaria de Estado de Cultura, tem como superintendente o contista Jaime Prado Gouvêa. Com nova edição a cada dois meses (formato jornal tabloide) e dois especiais anuais (formato revista), o Suplemento possui distribuição gratuita para assinantes, escolas, livrarias, universidades e secretarias de educação. Entre os jornais diários, apenas o Estado de Minas mantém um caderno semanal dedicado à literatura e à reflexão cultural aprofundada, intitulado “Pensar” e publicado aos sábados.

Ana Martins Marques chama atenção para o *Chão da Feira*, outro peri-

ódico — virtual, recente e de caráter intercontinental. “É uma publicação independente com um pé em Lisboa e outro em Belo Horizonte. Além de colocar no ar, a cada mês, um ‘Caderno de Leitura’ online, lançou no ano passado o primeiro número impresso da revista *Gratuita*, com ensaios, ficção e poesia”, destaca a poeta. “Acho que o *Chão da Feira* revela bem como, hoje, é possível fazer projetos plurais, com conexões que abarcam não apenas duas cidades e dois países, mas também tradução e criação, pensamento e poesia, impresso e digital.”

Para incentivar a escrita literária no Estado, dois editais governamentais se destacam. Um é o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, de caráter nacional, administrado pela Fundação Municipal de Cultura. Criado em 1947, na celebração dos 50 anos de fundação da capital mineira, foi suspenso em 2011 e retomado recentemente, para alívio da classe literária. Na recente edição, cada uma das quatro categorias (conto, dramaturgia, poesia e romance) oferecia R\$ 50 mil ao trabalho escolhido.

Em nível estadual, o Prêmio Governo de Minas Gerais — que em 2013 vai distribuir R\$ 212 mil — é organizado por uma diretoria do *Suplemento Literário*. Com concursos anuais desde 2008, reconhece autores de qualquer parte do Brasil nas categorias de prosa (conto ou romance, que se alternam a cada ano) e poesia; a categoria de jovem escritor é exclusivamente para autores mineiros, ou residentes no Estado, com idade entre 18 e 25 anos; e há ainda o prêmio por conjunto da obra, dado a grandes nomes da literatura brasileira a partir da escolha de um júri formado especialmente para a tarefa. Desde quando criado, os nomes agraciados nesta categoria foram Antonio Candido, Sérgio Sant’Anna, Luis Fernando Veríssimo, Silviano Santiago, Affonso Ávila e Rui Mourão. ■

MEMENTO MORI

Ilustração: **Carolina Vigna-Marú**

Não faz muito tempo, descobri no fundo da gaveta um retrato de meu pai, de quando ele tinha 17 anos. É uma foto em preto e branco, apenas de rosto, tirada em um estúdio do interior, provavelmente para compor algum álbum de família. Ligeiramente desbotada, a imagem conserva aquela opacidade elegante da década de 1950. Ali está um rapaz magro, talvez pálido, o cabelo lambido para trás; o paletó torto reforça a fragilidade da figura.

Ele franze as sobrancelhas — a cabeça não chega a se inclinar, mas o olhar dirige-se para o lado, como se tentasse fugir da câmera. É um olhar acuado, acuado e triste. A foto data de 1954, como se vê em um rabisco no verso. Nessa época, meu pai não pensava que em dez anos teria migrado para longe, estaria casado e às voltas com o primeiro filho — eu nasci em 1964.

Vejo na estante uma fotografia minha ao completar sete anos. Foi ti-

rada em maio de 1971, como mostra a dedicatória forjada no verso (para os avós distantes — que depois restituiram a lembrança). Nela apareço assentado, o rosto redondo recortando o painel cinza do estúdio. Meio a contragosto, a criança abraça entre as pernas um tamborzinho de brinquedo (as fotos dos anos setenta tendem a ficar rosadas com o tempo).

As pessoas sempre comentam as semelhanças entre mim e meu pai.

O queixo fino, o pescoço alongado, o sorriso encolhido. Nenhum desses traços aparece no retrato do menino (os cabelos cacheados descem até os ombros). Entretanto, tal como na foto do pai, minhas sobrancelhas estão franzidas; tal como o pai, a criança olha para o escuro — como se penetrasse um túnel. Confrontando as imagens, não é o traço hereditário que nos aproxima: é apenas o olhar, sua seta angustiada e esquiva. Dezesete anos separam as



datas das fotografias. Dez anos separaram a idade dos dois no momento das fotografias. Vinte e sete anos é a diferença de idade entre nós. O instante do olhar, porém, é *o mesmo*.

Tais conjunções, exclusivas do mundo dos retratos, não se repetem com frequência. Talvez em quarenta ou cinquenta anos algum descendente nosso, abrindo um baú perdido, encontre o par de fotos e com surpresa reconheça nelas um abismo de seu pró-

prio rosto. Mas é preciso ter cuidado. Ao contrário do que se poderia supor, a facilidade para fotografar, o avanço da tecnologia, nada disso multiplica as chances de uma nova coincidência. A exposição ininterrupta, desmedida, às lentes e câmeras de todo tipo acaba por inibir a espontaneidade dos olhares — não o meu, não o do meu pai — mas o desses gênios da morte que, saltando de um tempo a outro, costumam frequentar os estúdios de fotografia. ■



Marcilio França Castro é autor de *Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse* (2011) e *A casa dos outros* (2009), ambos publicados pela editora 7Letras. Vive em Belo Horizonte (MG).

Entre a diáspora e o ensimesmamento

Com um histórico de autores que saíram da Ilha para fazer fama em outras cidades, Florianópolis tem uma nova geração de escritores

DORVA REZENDE

Existe uma espécie de adágio literário local, uma frase atribuída ao menor grande escritor de Santa Catarina, o pequeno gigante Silveirinha, João Paulo Silveira de Souza (1933), de que “publicar na província é permanecer inédito”. De fato, o “ensimesmamento da literatura catarinense”, apontado pelo crítico Antônio Hohfeldt, faz com que os bons autores da santa e bela sejam menos conhecidos, por exemplo, que seus colegas abaixo dos rios Mampituba, Pelotas e Uruguai e acima do Iguaçu, para ficar só nos vizinhos. Talvez a configuração do Estado, sem uma capital-metrópole que predomine populacionalmente sobre as demais cidades, explique um pouco essa condição de que é preciso sair dos limites da geografia catarina para se obter algum reconhecimento.

O fato é que não há, hoje, como em outros tempos, uma cena literária de

Florianópolis. Há um grupo de novos autores que moram na Ilha, muitos deles jovens universitários cursando Letras, Jornalismo, Teatro ou outro curso qualquer na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) ou nas inúmeras faculdades privadas espa-

lhadas no entorno da capital. Existe, no entanto, uma cena literária catarinense, em Floripa e em cidades como Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul, Itajaí, Chapecó, Concórdia, Lages e Criciúma. E há, também, a cena literária catarinense fora de Santa Catarina, de autores catarinenses desgarrados, com alguma ou

nenhuma identificação com o Estado.

Um exemplo é o da escritora e roteirista Adriana Lunardi, que nasceu em Xaxim, em 1964, mas começou a escrever no Rio Grande do Sul, morou em São Paulo e Paris e hoje reside no Rio de Janeiro. Seu livro mais recente, a novela *A vendedora de fósforos* (2011), uma

Divulgação



O poeta Cristiano Moreira, autor do livro *Rebojo*, desenvolve o projeto “Contém Cultura”, que consiste em um contêiner com biblioteca, sala de cinema e espaço para palestras.

bela, densa e muito bem construída história familiar, foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2012. O premiado Cristovão Tezza (Jabuti, com *O filho eterno*, e prêmio da ABL, com *O fotógrafo*, entre outros) nasceu em Lages, em 1952, mas se mudou muito cedo para Curitiba e, para todos os efeitos, é, também, um escritor paranaense. Denonísio da Silva já morava em São Paulo há algum tempo quando escreveu *Avante, soldados: para trás*, romance vencedor do Prêmio Casa de las Américas de 1992. Mas essa condição diaspórica não é um dado novo na literatura catarinense.

DESTERRO

A primeira cena literária de Florianópolis se deu quando a cidade ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro, na segunda metade do século XIX, e teve como protagonista o poeta negro João da Cruz (1861-1898), filho dos escravos que pertenciam a um marechal da Guerra do Paraguai, que lhe deu alforria aos quatro anos, emprestou-lhe o sobrenome Sousa e o educou à francesa no Atheneu Provincial. Ao lado dos amigos Oscar Rosas (1864-1925), Araújo Figueiredo (1865-1927) e do marinheiro Virgílio Várzea (1863-1941), Cruz e Sousa agitou a província com poemas, peças e jornais abolicionistas, até ir para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como arquivista na Central do Brasil e publicou, em 1893, os livros *Missal* (prosa poética) e *Broquéis* (poesia), as obras fundadoras do Simbolismo brasileiro. Tentou sem sucesso uma vaga no jornais da nascente República e acabou esquecido pelo negro Machado de Assis quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, para depois morrer na pobreza e de tuberculose, mesmo destino de sua mulher Gavieta e de seus quatro filhos.

Outros desterrados importantes que construíram sua carreira literária no Rio foram o médico da antiga corte im-

perial Luiz Delfino (1834-1910) — poeta sem livros que se negou a ajudar um desesperado Cruz e Sousa nos seus últimos anos de vida e que depois se apaixonou por uma jovem algumas décadas mais nova e lhe dedicou longos poemas eróticos — e o simbolista tardio Ernani Rosas (1886-1955), filho de Oscar Rosas, poeta de inspiração malarêmica que depois de sua morte foi redescoberto e cultuado pelos concretistas de São Paulo. Também vale registrar dois autores da chamada “renovação cultural” dos anos 1920: Othon Gama D’Eça (1892 — 1965) e Tito Carvalho (1896 — 1965).

GRUPO SUL

O conservadorismo que marca até hoje a política do Estado talvez explique, em parte, o fato de o Modernismo ter baixado em Santa Catarina apenas na segunda metade da década de 1940. Chegou por intermédio do grupo de jovens escritores (hoje, quase todos octogenários) que se reuniam no Círculo de Arte Moderna, embrião da revista e do Grupo Sul, do qual Salim Miguel, sua mulher Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires (1915—1978), Ody Fraga (1927—1987), Adolfo Boos Júnior, Guido Wilmar Sassi (1922—2003) e o já citado Silveira de Souza foram os principais expoentes. Pode-se dizer que, com eles, acontece a principal cena literária de Florianópolis, importante e atuante até a dispersão após o golpe de 1964, quando Salim e Eglê exilaram-se no Rio e o bancário Boos no interior da Bahia. Mas antes deles, o lageano Guido havia cruzado a fronteira e tentado a vida primeiro em São Paulo e, depois, no Rio, onde morreu, e o ilhéu Ody Fraga também tinha saído para trabalhar como roteirista de tevê, para depois virar o gênio do cinema da Boca do Lixo de São Paulo. O poeta e artista plástico Hugo Mund Jr., parceiro literário de Silveira de Sousa no começo dos anos 1960, radicou-se em Brasília.



Músico, documentarista e escritor, Demétrio Panarotto é autor da coletânea de poemas *Mas é isso, um acontecimento*.

A geração 1960 e 1970 também foi marcada pela diáspora. Os poetas Rodrigo de Haro e Lindolf Bell (1938-1998) viviam em São Paulo quando publicaram pela primeira vez na *Antologia dos novíssimos* da Massao Ohno Editora, em 1961. Flávio José Cardozo publicou seu livro de estreia quando trabalhava na antiga Editora Globo de Porto Alegre; Péricles Prade dividiu sua literatura fantástica com os conheci-

mentos jurídicos em São Paulo; o tradutor do *Finnegans wake* e escritor Donald Schüller cedo foi para Porto Alegre e por lá ficou; e o poeta Vicente Cechelero (1950—2000) teve recusado pela Editora da UFSC o livro *Só matéria do mundo* (Prêmio Olavo Bilac, 1993) e pelo APCA (Melhor Livro de Poesia, 1991). Amílcar Neves, Alcides Buss e Oldemar Olsen Jr. foram dos poucos a permanecer em Santa Catarina.

LOCAIS E ATUAIS

Em meados dos anos 1980, uma nova geração de autores se encontrou na sala de revisão do hoje extinto jornal *O Estado*: Fábio Brüggemann, Jorge Hoffman “Joca” Wolff, Aldy Maingué e Jeferson “Fifo” Lima, começaram produzindo de forma artesanal e, de certa forma, criaram uma nova cena literária catarinense ao lado de poetas como o ilhéu Vinícius Alves, o joinvilense Fernando Karl e o blumenauense Dennis Radünz. A eles se juntaram Raul Arruda Filho, Mauro Faccioni Filho, Renato Tapado e Raquel Stolf, que publicavam nos jornais e no suplemento cultural *Ô Catarina!*, da Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

Editor da Letras Contemporâneas, Fábio Brüggemann aponta Adol-

fo Boos Júnior (*Quadrilátero, A companheira noturna* e o magistral *Um largo, sete memórias*, entre outros livros) como o maior escritor catarinense vivo e diz que, em geral, os autores ainda são muito acomodados em exigir uma política pública justa e democrática para o setor. “E as iniciativas privadas não existem, a não ser com a batalha árdua de pequenas editoras que mal conseguem distribuir seus livros nas livrarias locais, que só pensam em vender mais do mesmo”, queixa-se.

O poeta Dennis Radünz destaca o trabalho desenvolvido por quatro autores: Priscila Lopes, Patrícia Galelli, Paulino Júnior e Demétrio Panarotto. Priscila nasceu em Brasília, mora em Floripa e publicou o livro de contos *Uns traços, todos imponderáveis* (2010), além de organizar a antologia *Cantares cata-*

rinas — A nova poesia catarinense (2010), pela editora TodaLetra. Natural de Concórdia, Patrícia lançou este ano, pela Editora da Casa, o livro *Carne falsa*, e prepara um novo livro, intitulado *Cabeça de José* (leia conto na página 27), para 2014. Paulino Júnior nasceu em Presidente Prudente (SP), vive em Floripa desde 2005 e, recentemente, foi contemplado com o Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, da FCC, para publicar seu livro de contos *Todo maldito santo dia*. Professor de literatura, compositor, músico, documentarista e poeta, Demétrio (banda Repolho e Irmãos Panarotto, com o brother Roberto) já publicou *Mas é isso, um acontecimento* (2008), *15'39"* (2010) e tem pronto um livro cujo título provisório é *CINE*.

Dennis também cita o Festival

Nacional do Conto, realizado em março deste ano, na Ilha, promovido pelo escritor e editor Carlos Henrique Schroeder, como uma das melhores iniciativas no setor. Sócio da Design e da Editora da Casa, que têm publicado muitos dos novos autores catarinenses, Schroeder ajudou a formar boa parte da novíssima geração de autores com as suas oficinas literárias feitas por intermédio do Sesc e recebeu, em 2010, o Prêmio Clarice Lispector, da Fundação Biblioteca Nacional, pelo livro de contos *As certezas e as palavras*. Ao lado de Emmanuel Mirdad e Aurélio Schommer, Schroeder faz a curadoria da Flisca — Festa Literária Internacional de Santa Catarina, cuja primeira edição está programada para acontecer no ano que vem na Fortaleza de São José da Ponta Grossa, na Praia do Forte, em Floripa. Também em 2014, ele deve lançar seu novo romance, *História da chuva*.

Outra iniciativa interessante é o projeto Contém Cultura, desenvolvido pelo poeta e professor Cristiano Moreira, de Navegantes, município a cem quilômetros da capital, autor do belo livro de poemas intitulado *Rebojo*, publicado pela editora Bernúncia. O Contém Cultura é um equipamento cultural itinerante, um contêiner de 12 metros com biblioteca, sala de cinema e espaço para palestras e oficinas. “É uma maneira de transformar esse significante, o contêiner, e transportar outra carga, carga simbólica. Recebemos, em 2012, o Prêmio ADVB na categoria Desenvolvimento Cultural”, diz Cristiano, que também cita Patrícia Galelli, Demétrio Panarotto e Priscila Lopes como novos autores catarinenses de destaque. E acrescenta um outro nome: Daniel Rosa dos Santos, natural de Itajaí, autor de *Quando cai um rio do céu*, breves relatos em torno da enchente de 2008, com muita ironia e corte certo do pequeno conto. “Ficção da boa”, ratifica Cristiano. ■



Priscila Lopes, autora da coletânea de contos *Uns traços, todos imponderáveis*, é uma das jovens promessas da literatura local.

Divulgação

CONTO | PATRÍCIA GALELLI

CABEÇA DE JOSÉ

1. A CABEÇA, O CHIMARRÃO E O AQUÁRIO

Na cabeça de José correm dois rios sem sentido. Ele vive em Paradoxo, uma cidade pequena, a praça tranquila, canteiros cospem flores que enroscam o pé das pessoas vizinhas para conversarem. Elas tomam chimarrão. José não toma. “Chimarrão é um gêiser antigo demais para ter erupções periódicas e então essa gente resolveu tomar de canudinho”, diz José, “um dia a água verde e o vapor vão jorrar para dentro da cabeça delas pelos canais do nariz”.

Elas tomam chimarrão e falam dos vizinhos. Falam de José. Que é muito estranho José com a cabeça pesada e as ideias esquisitas. Pois José quer algumas coisas que não são muito queridas por ali: plantar uma bananeira com folhas ao estilo do cabelo de Elvis, semear guitarras como cenouras, implantar um rabo longo para coçar o nariz sem ter que deixar de lado os afazeres. Quem pode querer um querer desses?

O que as pessoas não sabem: o mar na barriga!, é isso que o José mais quer na vida. E um aquário no quarto, com peixes pequenos.

Brancos,
Vermelhos

: peixes que nadam até a superfície e tomam velocidade para chegar ao fundo;

: peixes que batem a cara de peixe nos pedregulhos e se espatifam;

: peixes que viram tinta que faz desenhos na água.

2. JOSÉ E A HIDRELÉTRICA

Na cabeça de José correm dois rios sem sentido. Porque eles tentam escorrer pelos ouvidos, José constrói mini-hidrelétrica para dar luz aos pensamentos.

É um complexo arquitetônico assim:

Um dos rios cria por conta própria um reservatório no hipocampo;

Há um canal que José não controla direito, mas às vezes funciona;

O duto dá para a Ponte de Varólio, que liga a turbina ao segundo rio;

O segundo rio fica no cerebelo e faz força para o gerador rodar.

Quando tem sorte, e tudo opera a cem por cento, José pisca e pensa iluminado.

3. AS PESSOAS DE CABEÇA EXATA

Na cabeça de José correm dois rios sem sentido. Nas pessoas de cabeça exata, há uma grande quantidade de órgãos dos sentidos, a boca e o cérebro.

Cabeça exata define pessoas sem pés nem cabeça. Não é que sejam mulas-sem-cabeça (não!); continuam sendo pessoas, mas como o tamanho não varia, os pensamentos são águas paradas.

Aí acontece sofrerem de clichê.

: agentes infecciosos conhecidos como carimbos-de-língua tornam as palavras documentos burocráticos;

: cada pessoa de cabeça exata possui no córtex cerebral uma mesa com pilhas e pilhas de papel;

: uma palavra só pode sair da boca se estiver carimbada;

: todas as frases são inspecionadas e têm um número de identificação. ■

 **Patrícia Galelli** nasceu em Concórdia (SC), em 1988.

Publicou o volume de contos *Carne falsa* (2013) e textos na revista de literatura e arte *Bólide* (2013). Os trechos aqui publicados integram o livro de contos *Cabeça de José*, com lançamento previsto para o primeiro semestre de 2014, pela editora Nauemblu. Vive em Florianópolis (SC).



Ilustração: **Weberson Santiago**

Bahia de poucos santos

Sob a sombra de Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, escritores soteropolitanos persistem em busca de novas temáticas e de espaço em um mercado limitado

DAVI BOAVENTURA

A frase, embora lugar comum, é inevitável: a cena literária de Salvador é, hoje, feita em estilhaços. É fragmentada, dissonante, em que pouco se vislumbra um todo coeso. É um cenário de distâncias, espaços distantes. Terceira cidade mais populosa do país, com quase três milhões de pessoas, sem contar a população flutuante da Região Metropolitana, Salvador realmente assiste a uma explosão de eventos literários — em geral ancorados na poesia, na maioria independentes e de cunho performático (saraus, palestras, festivais, e por aí vai) —, mas essa é uma explosão cujo contorno, se revela uma necessidade de expressão latente, e dialoga com a tradição cultural efervescente da cidade, revela também uma segregação entre os diversos grupos e autores, ora isolados por diferenças estéticas, ora reféns de um mercado limitado, ora mudos pela falta de espaço na imprensa, ora sufocados pela falta de investimento público e privado.

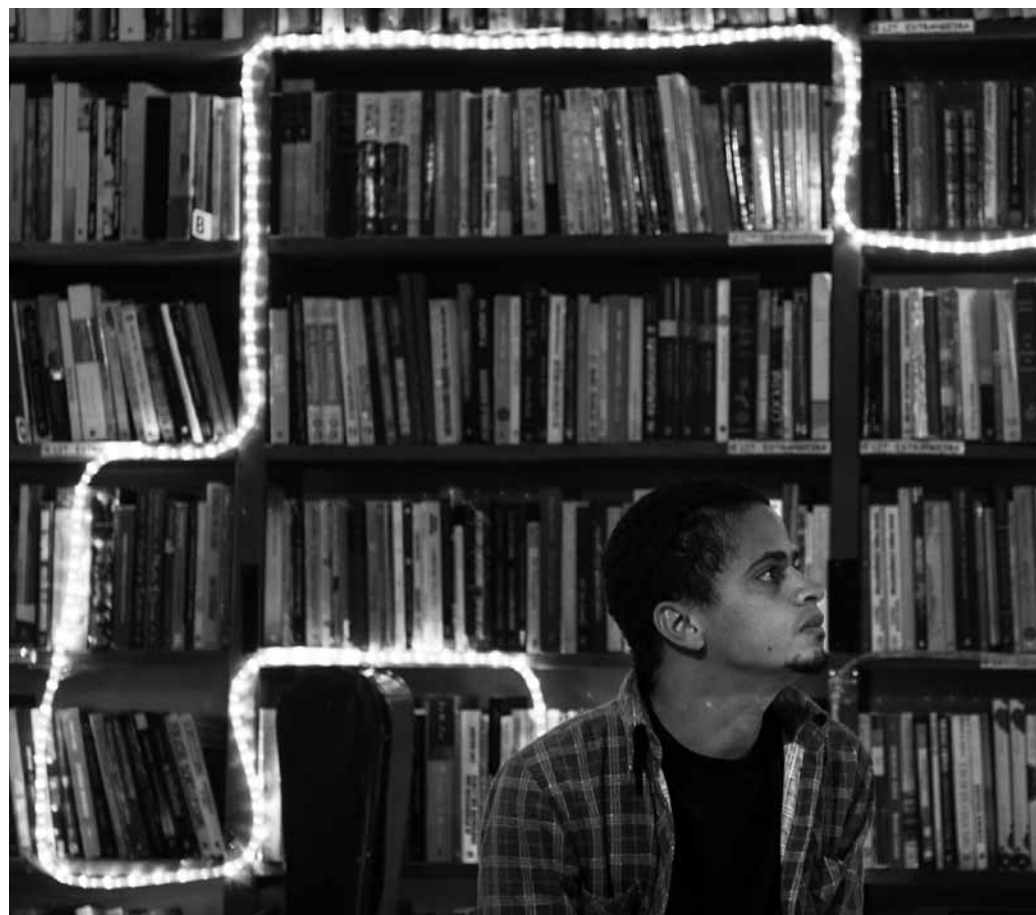
Lívia Natália, professora do de-

partamento de Letras da Universidade Federal da Bahia e autora de *Água negra*, livro de poesia vencedor de prêmio oferecido pela Banco Capital em 2010, diz que Salvador está “em um momento muito fértil de uma literatura que sempre foi forte, vigorosa, mas que, no que diz respeito à difusão e circulação da amplitude de seus autores, nunca foi suficientemente plural”. Kátia Borges, jornalista, escritora e uma das criadoras do sarau Prosa & Poesia, que acontece na capital baiana, diz perceber “que o momento é único, e há coisas muito boas fervendo no caldeirão, embora a refeição ainda não esteja pronta para consumo”. Já Alex Simões, professor de língua portuguesa e poeta diz enxergar um “momento de transformação, de eclosão de focos de produção e distribuição de textos literários e, o mais importante disso tudo, de eclosão de nichos e coletivos de criação”.

Mas a crítica mordaz — ou o pessimismo — é imediata. Surge em falas contundentes, como as de James Martins, poeta e idealizador do Pós-Lida, talvez o sarau mais reconhecido da capital, para quem o cenário “parece, antes de tudo, pouco literário, mais marcado por grupos de amigos cuja função é massagearem-se os egos mutuamente, ou fazer ‘polititagem’”. Ainda que faça ressalvas positivas ao *boom* dos saraus, pois da quantidade poderia até surgir a qualidade, James avalia que a cena de hoje é de “um ambiente de pouco conflito e, em consequência, de pouca saúde literária. Nosso cenário me parece antes uma espécie de serviço social em que os carentes são também os que se pretendem caridosos”.

E, neste sentido, a opinião de James encontra eco, por exemplo, em Márcio Matos, autor de *A suave anomalia*, cuja

reclamação primeira é a baixa profissionalização do mercado editorial local. Segundo Matos, apesar de não se poder deixar de elogiar as pequenas companhias por perseverarem nesta “atividade quase heroica” que é bancar livros em um Estado com tão poucos leitores, “publicar apenas autores patrocinados por editais ou apostar em um título ou outro de nomes consagrados é uma ‘estratégia’ insuficiente”. Faltaria nesta paisagem, portanto, arrojo. Ou um toque de ousadia, proposição no mínimo curiosa, para não dizer irônica, se pensarmos no estereótipo que a Bahia possui entranhada no imaginário nacional.



James Martins aponta a falta de suplementos culturais na imprensa baiana.

“Salvador está em um momento muito fértil, de uma literatura que sempre foi forte, vigorosa, mas que, no que diz respeito à difusão e circulação da amplitude de seus autores, nunca foi suficientemente plural.”

Kátia Borges, criadora do sarau
Prosa & Poesia.

Foto: Amana Dutra



PASTORES DA NOITE

Esse estereótipo de Bahia, aliás, é a regra de leitura para o *roman à clef* local. Porque é justamente a tal baianidade — criada, incrementada e exportada desde os tempos de colônia sob a égide de nomes graúdos como Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Castro Alves e Gregório de Mattos, em conjunto com a musicalidade de Caetano, Gil, Gal, Odo e o compasso do Axé — o ponto de referência a partir do qual, em contraste ou por adesão, se constrói a Salvador retratada nas páginas soteropolitanas.

Durante décadas, o discurso cultural hegemônico se pautou pela “sombra do misticismo e da malandragem festiva”, como define Márcio Matos, em textos baseados na exaltação do exótico. Os últimos anos trouxeram, em contrapartida, seja pela urbanização, seja pelo esgotamento do modelo anterior, uma literatura mais aberta, cidadã, *pop*, às vezes melancólica, calcada no asfalto ao redor da praia, em trabalhos de Victor Mascarenhas, Katherine Funke, Alex Leilla, Sandro Ornellas e João Filho, além das obras de Lima Trindade, Mayrant Gallo, Karina Rabinovitz e Adeline Souza, finalista do Jabuti 2013 na categoria Juvenil. Mesmo autores abertamente identificados com o cânone sofreram (obrigatórias) atualizações e é de se notar ainda a movimentação de uma literatura cujas bases remontam à cultura africana, discutindo e ultrapassando a questão racial sob perspectivas absolutamente contemporâneas, a partir de autores como Landê Onawalê, Rita Santana, Ângela Vilma, Mel Adún, Fábio Mandingo e Nelson Maca, um dos organizadores do Sarau Bem Black.

O principal dilema para todos eles, como em boa parte do país, continua sendo o escoamento da produção. As vias de saída, além de poucas, são acanhadas. Kátia Borges, cujo terceiro livro foi lançado por uma editora paulista, por exemplo, chega a considerar Salvador

como “um nada no mapa da literatura contemporânea” ao falar sobre as dificuldades dos escritores em encontrar abrigo. Para se imaginar a dimensão do problema, aponta ela, basta pensar em como a produção editorial de relevância no Estado se resumiria a apenas três editoras — a P55, a Casarão do Verbo e a Solisluna —, e todas trabalhando sob orçamento reduzido, sem esquema de distribuição nacional. O espaço na imprensa, do mesmo modo exíguo, por sua vez, está à mercê de pequenos *blogs* e revistas eletrônicas de nicho. “Não temos um suplemento literário sequer em nenhum dos nossos principais jornais”, diz James Martins, para quem o lamento se estende ao nível do jornalismo cultural praticado: ao relatar a morte de Décio Pignatari, um dos jornalistas responsáveis pela cobertura chamou Augusto de Campos de Álvaro de Campos, mostrando também desconhecimento de Fernando Pessoa. Não obstante, para completar, a relação entre a literatura e os governos, um dia amena, agora anda passando por turbulências.

SUBTERRÂNEOS

“Há iniciativas do governo do Estado e do município, pelos órgãos de fomento à cultura, para o estímulo à publicação, mas isso ainda alcança poucos autores”, analisa Livia Natália. “Quando pensamos em iniciativas oficiais, a literatura é a mais preterida das artes, e, quando é colocada em um lugar mais central, a diversidade de suas vozes não é representada, a exemplo do que o Ministério da Cultura e a Secretaria da Cultura da Bahia fizeram ao selecionar os livros-autores que deveriam ir à feira de Frankfurt para o ano do Brasil na Alemanha”. O Ministério da Cultura, lembra a professora universitária, selecionou somente um negro entre os 70 autores escolhidos. A Secult, por sua vez, mesmo em um Estado de popula-

ção majoritariamente negra, não selecionou nenhum.

Recentemente, um contingenciamento de verbas estaduais também gerou enorme repercussão na comunidade artística — editais foram suspensos ou adiados, pagamentos atrasados, pouco se sabe sobre os planos futuros. A contenção de gastos provocou inúmeros protestos, forçando o governo a recuar e anunciar novos investimentos no início de outubro. No imbróglio, o *falecimento* mais sentido foi, sem dúvida, o do *Escritas em trânsito*, série de oficinas gratuitas com escritores de todo o Brasil (Assis Brasil, Joca Reiners Terron, Noemi Jaffe, José Luiz Passos, Verônica Sttiger, apenas para citar alguns), iniciada em 2012. Mais que cursos de escrita criativa, a ação era um verdadeiro respiradouro e seu desfecho escancara uma das piores deficiências da literatura baiana, a falta de longevidade dos projetos. ■

NOVOS PALCOS LITERÁRIOS

DAVI BOAVENTURA

Seguindo um modelo já consolidado pela Festa Literária de Paraty, a Bahia ganhou uma série de eventos de Letras nos últimos anos, em geral organizadas em cidades do interior do estado, como as de Cachoeira (Flica) e de Jequié (Felisquí), além da Festa Literária de Salvador (Flissa), em busca de patrocínio para a sua estreia, prevista para março de 2014. A Flica — apoiada por gigantes como Petrobrás, Oi e Rede Bahia, braço da Globo no Estado — realizou sua terceira edição no último mês de outubro, levando para o Recôncavo Baiano autores como Cristovão Tezza, Fabrício Carpinejar, Carola Saavedra, Laurentino Gomes, Sérgio Rodrigues, Letícia Wierzchowski e Pepetela. A Felisquí, no entanto, marcada de 26 a 29 de outubro, ainda buscava no início do mês apoio da prefeitura local para o pagamento de cachês aos autores convidados. ■



FUGA

Ainda não era a hora, mas ela já sentia as contrações. Pelas suas contas, o bebê só nasceria dali a umas cinco ou seis semanas, mas depois da correria e do estresse das últimas horas, estar viva e carregando seu filho era praticamente um milagre. As lágrimas se misturavam ao suor, assim como o sangue que escorria dos arranhões nos seus braços e pernas se misturava com a lama daquele matagal às margens da estrada onde Aparecida e Jeová tentavam se esconder.

— Por que a gente tá fugindo? — sussurra Aparecida.

— Fica quieta, eles podem ouvir.

Eles fugiam de Rasputin, o traficante que mandava na comunidade e não vacilava com quem devia e não pagava, seja dívida de droga ou de agiotagem. Não pagou tá morto, simples assim. Jeová não pagou e, apesar de ferido, ainda estava vivo.

Passava pouco da meia-noite quando Jeová entrou em casa, com o rosto coberto de hematomas, a roupa suja de sangue e um olhar desesperado.

— Acorda, Cida. Vamos embora!

— Embora pra onde?

— Depois eu explico, vem logo.

Assustada, a gestante levantou num sobressalto e pegou o primeiro vestido que viu pela frente. Antes que pudesse entender o que se passava, foi arrastada pela janela pelo seu companheiro.

— Que é isso?

Vamos por aqui, eles já devem estar perto.

— Eles quem?

— Cala a boca e faz o que eu tô mandando, porra!

Eles moravam numa encosta e sair pela janela não era boa ideia. Mas quando ouviram uma pesada arrebentando a porta, sair pela janela pareceu uma excelente solução.

— Jeová, seu viado! Cadê você?

Era o Rasputin, de arma em punho e acompanhado por Quebra-faca, Três Cu, Lasquitrack e Transão, membros da sua quadrilha, todos doidaços de pó e na fissura de esfolar o filho da puta que não pagava o que devia.

Enquanto o casal fugia, tentando se equilibrar pela encosta, segurando em tufo de mato e cravando as unhas na terra, os bandidos reviravam o barraco, tarefa que, dada a exígua área do imóvel, não durou mais que alguns segundos. Quebra-faca:

— O viado fugiu!

— Toca fogo nessa merda — ordena o chefe — esse porra pegou a puta preta da mulher dele e fugiu pelo barranco.

Três Cu já tava com o galão de gasolina para incinerar o caloteiro. Foi só espalhar por ali e acender um fósforo. A claridade ia iluminar a noite e ajudar a revelar por onde o casal fugira.

— Tocaram fogo na nossa casa...

— Fodeu! Vão descer atrás da gente. Corre!

— Não dá... Já tô sentindo as contrações. A hora tá chegando.

Antes que Aparecida dissesse mais alguma coisa, Jeová puxou seu braço violentamente e a arrastou ribanceira abaixo. Desequilibrados, escorregaram na lama até a base do morro e começaram a ouvir o estampido dos tiros vindos lá de cima.

— Jeová! Você tá fodido! — Gritava Rasputin, enquanto descia o morro atirando a esmo com seu fuzil de assalto.

Encobertos pelo mato alto, o casal continuava sua fuga desesperada. Se conseguissem chegar à estrada tinham alguma chance de escapar, mas também seriam alvos fáceis. O fogo no barraco iluminou a região e Aparecida não tinha mais condições de continuar correndo.

Ela chorava baixinho e sentia um líquido escorrendo pelas pernas. Era sua bolsa que rompera. A criança estava pra nascer e já corria o risco de chegar ao mundo com uma bala no meio dos cornos. Aparecida sabia que Jeová não era santo e que se queriam pegá-lo, em alguma parada errada o cara tinha entrado.

Jeová olhou para o alto do morro e viu a silhueta do Rasputin e os outros, num contraluz fantasmagórico provocado pelas chamas da sua casa.

— Tu vai morrer, filho da puta!

Nesse momento uma explosão ensurdecadora faz o Rasputin cair e desequilibra seus parceiros. Era o botijão

de gás do barraco que explodira. Aproveitando a chance, Jeová arrastou Aparecida para outro caminho no meio do mato. Mudança de planos. Jeová ia para o desmanche de carros que ficava em algum lugar mata adentro.

O desmanche era uma lenda urbana e ninguém sabia ao certo onde ficava ou mesmo se existia. Era um cemitério de veículos roubados, uma paisagem de apocalipse-armagedon automobilístico, uma cidade-fantasma Mad Max, povoada de carcaças de Brasília, Veraneios, Belinas, Gols bola, Chevettes desmontados, Del Reys incinerados e Opalas capotados.

O fogo se alastra nos barracos e no matagal. Inferno na favela. Purgatório suburbano na periferia do fim do mundo. Correria e gritaria geral. Na confusão, o casal escapou numa saída expressa pela direita, com direito a trilha de sangue e placenta no matagal. Logo eles estariam perdidos e Aparecida desaba, urrando e se desmanchando em dores.

Jeová pega sua mulher no colo e corre. Corre sentindo o calor do fogo no cangote e o cagaço de morrer turbinando suas pernas cansadas. No céu, uma estrela brilhante surge por detrás das nuvens do céu nublado vermelho ferrugem. A estrela ilumina uma trilha na mata e, diante desse sinal divino ou por falta de opção melhor, Jeová segue por ali. Após alguns minutos que pareciam horas e de alguns metros que pareciam quilômetros, eles adentram o labirinto de ferro e ferrugem tetânica

do desmanche perdido. Aparecida grita de dor, Jeová desvia de uma Caravan marrom, dobra à esquerda numa Paraty branca, salta o para-choque de um Passat cinza e tropeça numa calota de Landau. Aparecida cai e desliza numa poça de óleo até parar numa chicane de pneus carecas, onde não dá mais pra segurar.

— Vai nascer!

— Fodeu! Calma, Cida!

Jeová olha ao seu redor, em busca de um lugar menos infecto para o seu filho nascer e o que parece mais acolhedor é um velho Fiat 147 sem porta. Com carinho, Jeová carrega Aparecida até o carro e a coloca no banco do carona. O sangue escorre pelas mãos, a dor provoca gritos lancinantes, o coração do homem dispara. Após alguns minutos de dor e pânico, irrompe na madrugada um choro estridente. Um sorriso de alegria e alívio surge nos lábios de Aparecida.

— É menino — diz o pai.

— Um menino... Meu filho...

— Como vai ser o nome dele?

— O nome do meu pai.

“E como é o nome do pai dela?”

— pensa Jeová, que nem não sabia que Aparecida tinha pai.

— Procura por aí, esse escroto deve estar escondido num carro velho desses!

Rasputin chega ao desmanche. A casa caiu.

— Fecha a boca do menino, se acharem a gente fodeu.

Jeová era filho de evangélicos, mas nunca ia à igreja e nem sabia se acreditava em Deus. Mas agora precisava de um milagre. Agachado sob o volante do Fiat 147, viu uns fios desencapados. Uma intuição desesperada e ridícula veio à sua mente. Limpou o sangue do parto do seu filho no estofado esburacado e fez uma ligação direta. Uma faísca, duas faíscas, um curto circuito e o motor pegou.

— Que porra é essa? — surpreende-se Lasquitrack, de arma em punho e quase mordendo a orelha com a fissura do pó.

— É motor de carro!

O pai do pequeno fugitivo assume sua posição no banco do motorista e acelera forte.

— Se segura, meu amor! Vamos embora daqui.

Aparecida abraça o filho, beija sua cabecinha ensanguentada e começa a rezar baixinho.

O Fiat 147 arranca com tudo. Seus faróis quebrados iluminam os traficantes que não tem tempo nem de sair do caminho. *Strike* de traficante na madrugada e fuga alucinada na direção que o nariz aponta.

— Toma, filho da puta! — berra Jeová para Rasputin, que aterrissou no capô de um Fusca desmantelado e teve seu estômago perfurado pelo platinado do Fuscão preto. Agonizante, tudo que

viu foi o velho Fiat 147 sumindo, iluminado pela aurora de um novo dia.

Sem acreditar no milagre automobilístico que acabara de salvar suas vidas, Jeová e Aparecida deram as mãos, felizes por estar vivos, com seu filho recém-nascido com uma vida inteira pela frente, para explorar como os antigos navegadores que se lançavam ao oceano à procura de novas terras por mares nunca dantes navegados. No percurso sem mapa e sem bússola da vida, certamente ele vai enfrentar perigos, desafios, dores, vitórias e derrotas. Pode até encontrar terra firme, mas se escapar do naufrágio iminente que espera a todos nós na nossa navegação pelos mares da vida, já vai ser uma grande conquista. Mas essa é outra história e o autor será aquela criança suja de sangue e sem nome. ■

 **Victor Mascarenhas** é escritor e roteirista. Autor de *Caféina* (2008), livro de contos vencedor do Prêmio Braskem Cultura e Arte. Em 2011, foi um dos finalistas do Prêmio Off Flip e lançou seu segundo livro, *A insuportável família feliz* (2011). Em 2013, lançou *Xing Ling made in China*, seu primeiro romance. Vive em Salvador (BA)



Ilustrações: **Guilherme Caldas**

A escrita que vem da margem

Poética de contestação social, herdada da produção marginal dos anos 1970, dá frutos e forma parte da identidade do cenário de Brasília

CRUY BARATA NETO

Síntese do movimento modernista da arquitetura brasileira, Brasília tem hoje duas faces: a do Plano Piloto, onde a organização do espaço separa e abafa as pobreza urbanas, e a das chamadas “regiões administrativas”, onde estão localizados os bairros e municípios que formam a cara da periferia da capital federal. É em parte por conta desta dicotomia entre o “dentro” e o “fora” do desenho urbanístico de Lúcio Costa e pela própria relação com o centro burocrático do país, que a cena literária brasiliense vem se desenvolvendo com forte contestação social e hoje abre espaço para novos atores, responsáveis por ajudar a firmar a identidade de uma nascente literatura local — já que nem sequer chegou aos 60 anos de idade.

Por conta da “juventude” da capital, a questão da classificação de uma literatura dita de Brasília ainda rende debates entre os críticos literários e intelectuais da cidade. Alguns questionam esta marca porque muitos dos expoentes da produção literária local são de outras regiões do país e que migraram após a sua inauguração na década de 1960. Por outro lado, boa parte da academia concorda que mesmo a produção de autores de fora da cidade é considerada como brasiliense, já que eles tiveram boa parte da formação

psico-social adquirida na cidade e usaram os elementos do seu espaço para escrever as obras.

Segundo a professora Maxçuny Alves Neves da Silva, mestre em literatura pela Universidade de Brasília (UnB) com pesquisa a respeito da influência do espaço na poética de Brasília, há vários estudos que já definem como produção literária brasiliense obras de autores que viveram e produziram na cidade por pelo menos vinte anos. “Com isso, temos que aceitar nomes como o do poeta Nicolas Behr e até

mesmo Renato Russo e Oswaldo Montenegro”, afirma.

Discussões à parte, o fato é que a produção literária que vem sendo feita em Brasília ao longo dos anos desenvolveu linhas comuns que delimitam uma identidade poética local, hoje impulsionada por um mais recente movimento: o da poesia periférica. “É uma literatura de denúncia, de contestação política que não deixa de ter ligação com o fato de a cidade ser a capital federal, e centro da administração pública do país”, diz Maxçuny.

É neste escopo que aparece o nome do rapper Genival Oliveira Gonçalves (o GOG), que começou sua carreira na década de 1990, no Guará, cidade do entorno de Brasília, ganhou palcos do país e hoje ganha relevância como expoente da cena literária local. Em 2010, a Global Editora lançou seu primeiro livro *A rima denuncia*, que transporta as letras, verdadeiros poemas do artista, do ambiente musical para o campo literário. Uma de suas letras, “Brasil com P”, já foi adotada como parte do Programa de Avaliação Seriada (o chamado PAS), da UnB.

Segundo GOG, o livro trilhou duas vias distintas. Foi parar nas comunidades mais pobres e ao mesmo tempo nas mãos de quem fez o vestibular 2011-2012 na UnB. “Esse foi o maior prêmio que pude receber com a publicação do livro”, diz GOG, que busca ocupar espaços aumentando o diálogo de uma poética da periferia com o mundo acadêmico. “O território do hip hop foi rompido. A pausa, agora é a vírgula, a mudança do tema é o parágrafo e o final da música é ponto final”. GOG também é um dos novos poetas incontestavelmente do Distrito Federal, já



Nicolas Behr, autor de *Brasília*, tem na capital federal a matéria-prima de sua poesia.

que nasceu em Sobradinho, uma das cidades satélites.

Apesar de trilhar o caminho da música para a literatura, a poética de GOG pode ser vista como herdeira da poesia marginal do final dos anos 1970 na cidade. Na avaliação de Maxçuny, a poesia periférica do novo cenário literário brasileiro já é capaz de demarcar uma característica da produção da cidade que tem forte peso na temática da crítica social. “O próprio rock de Brasília é mais um exemplo e que difere bastante do rock de outras regiões que não priorizavam a bandeira da contestação social”, diz Maxçuny.

Dentre os nomes que se destacam do movimento anterior da poesia marginal estão Francisco Alvim, Eudoro Augusto e Luis Turiba, além de Nicolas Behr, que chegou a ser preso, acusado de subversão pela ditadura militar durante seus anos de chumbo. A carência de editoras na nova capital recém-construída levava os poetas marginais a buscar caminho independente da distribuição comercial. O próprio Behr vendia seus livros nos bares e inclusive no transporte público, algo que também acontece hoje com a produção do movimento periférico. “Nossa literatura nasce à margem de editoras, rejeitando circulação”, diz GOG. “A nossa livraria é a nossa mochila.”

Trata-se de uma solução que cabe bem para o limitado mercado de distribuição e divulgação literária que persiste ainda hoje em Brasília. Segundo Maxçuny, vários dos autores da cidade precisam recorrer às editoras de Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro para publicar suas obras de forma convencional e com uma distribuição mais ampla. A lacuna força editoras de universidades e outras, especializadas em várias áreas de conhecimento, a abrirem espaço para edições esporádicas de literatura. É o caso da Thesaurus, que é principal editora da cidade, especializada em bibliotecnologia, mas que acaba contribuindo

muito para a divulgação da cultura local.

Soma-se a isso o problema da divulgação da literatura local. Na capital federal há poucas revistas especializadas em literatura, sendo que a maioria trabalha em meios eletrônicos. Fora desse universo, a imprensa tradicional dá pouco espaço para a divulgação dos autores locais, nas palavras de Maxçuny.

Outra similaridade entre as duas gerações é o diálogo com diferentes linguagens artísticas. Segundo o trabalho de dissertação para o mestrado de Bernadete Aparecida de Carvalho, do departamento de teoria literária e literaturas da UnB, “o final da década de 1970 pode ser classificado como o período de maior ebulição da cena cultural de Brasília. Pois poetas marginais estreitaram os laços com músicos, autores e pintores”.

POESIA CULTA

Mas nem só de periferia vive a cena local brasileira. Há vários autores com outros estilos que enriquecem a cena literária da capital federal. Antes mesmo do surgimento da literatura marginal — que se pautava eminentemente pelo uso de linguagem coloquial —, apareceu o grupo da chamada “poesia culta”, segundo classificação de José Roberto de Almeida Pinto no livro *Poesia de Brasília: duas tendências*. A divisão dessas duas correntes não deixa de representar a dialética entre “centro” e “periferia”, que caracteriza a produção local. Entre os nomes da poesia culta, analisados por Almeida Pinto, estão Anderson Braga Horta, Domingos Carvalho da Silva, Marly de Oliveira e Cassiano Nunes, que tiveram importante papel como incentivadores e divulgadores da produção literária de Brasília.

Horta, por exemplo, foi co-fundador da Associação Nacional de Escritores e do Clube de Poesia e Crítica, entidades que deram impulso para a publicação de livros da literatura brasileira a partir da década de 1980. As entidades

promovem encontros dos poetas e eventos de divulgação. A maioria desses autores não é nascida em Brasília e tem alguma ligação com a administração pública, principalmente na área da diplomacia. É considerável o número de jornalistas e professores, e principalmente funcionários públicos, que passaram a publicar suas primeiras obras de forma coletiva, por conta da carência de uma estrutura editorial da cidade.

Segundo Maxçuny, é depois do surgimento dos sindicatos que cresce o apoio à produção literária. “Sindicatos dos escritores e dos professores, vão incentivar vastamente a produção, e bancar os custos da produção. Assim vamos ter o surgimento de novos nomes”, afirma. Com a base, os nomes foram aparecendo. Agora só o tempo tornará grande e consistente a jovem literatura brasileira. ■

Foto: Gustavo Gracindo



O rapper GOG migrou para a poesia e lançou a coletânea de poemas *A rima denuncia*.



GODOFREDO TESTA, FILÓSOFO INFORMAL

Morar em Brasília é o mesmo que viver em outro planeta, pensei, quando me mudei para cá, ainda jovem. Só me apropriei da cidade e tornei-a minha quando conheci Godofredo Testa e tive o que julguei ser uma ideia inovadora: fazer a biografia de alguém antes que ele se tornasse conhecido. Uma biografia diferente me colocaria numa posição privilegiada e o que diria nela a respeito de Godô, como passei a chamá-lo quando virou meu amigo, tornaria Brasília reconhecida por outras coisas que não a falta de esquinas ou o número gritante de cretinos por metro quadrado. Passaria a ser também uma cidade com pensadores de envergadura. Talvez houvesse, de minha parte, excesso de empolgação pelos louros potenciais que me aguardavam numa curva qualquer do futuro, mas estava disposto a fazer o investimento.

Godofredo Testa foi um filósofo informal, criador do clube Risíveis Anônimos, investigador de temas inusitados para a produção de ensaios tão originais quanto inéditos. Do modo como eu entendia, era questão de tempo até que ele fosse descoberto em escala nacional. Quando acontecesse, eu estaria preparado e a biografia, na reta final, faltando apenas um e outro ajuste. Propus, ele aceitou, não sem primeiro tripudiar um pouco: “Já inventaram esse negócio de fazer biografia de gente desconhecida?”, perguntou, irônico e

torto como um sorriso, antes de arrematar com um punhal em minhas vértebras: “Não sabia, fico feliz. Em troca posso escrever a sua”.

Quando concebi a biografia do futuro e associei o projeto a Godô, sabia que alguma coisa poderia dar errado — por exemplo, ele se recusar a ter as ideias reconhecidas em larga escala, ou recuar, por temor de uma possível distorção ou por ser muito orgulhoso e por não querer os pensamentos compartilhados por todos, circulando entre pessoas mal intencionadas que não demonstrariam a distorcê-los. Se ele fracassasse, pelo menos no sentido mais rudimentar do que se entende por fracasso, ou seja, por ter se recusado a fazer sucesso, meu projeto de biografia iria ficar prejudicado e eu não tinha como simplesmente ignorar o risco. Claro, em última instância, poderia haver fracasso mesmo que Godô se empenhasse ao máximo, porque nunca se sabe com que cartas o destino joga. O que se pode dizer é que o destino é a banca e poucos saem com dinheiro do cassino da vida.

Contra ele pesava o fato de ter nascido e crescido em Brasília. Levitaria mais tempo, portanto, a ser descoberto, a não ser que tivesse investido na carreira política e ficasse conhecido ao receber o prêmio que todo político local merece, embora poucos de fato recolham: um par de algemas. A capital

não era, ainda, conhecida como grande celeiro de homens de ideias, talvez coubesse a Godofredo a primazia de mudar isso e mais um tema para ser explorado pelo meu texto, que faria referências aos frutos plantados muito antes por, sei lá, um Darcy Ribeiro. Frutos, sim, não sementes — desses paradoxos ia construir meu texto e o leitor seria convocado a inverter perspectivas de compreensão.

Eu havia chegado a Brasília há muito tempo. Tinha retido na memória o que esse imenso cenário de filme de ficção científica parecia naquela época: lugar de desterro para quem se perdeu nos confins da galáxia ou foi banido para a terra de ninguém. Tentava entender aquela cidade alienígena dando longos passeios a pé. Geralmente, depois que o sol se punha. Era quando o calor abrandava e a poeira parecia dar algum descanso, nem que fosse se tornando invisível. Andava a esmo, aguçava olhos e ouvidos para uma cidade maligna e indiferente. A sensação era a de que, ao me aproximar de um local, ele se afastava deliberadamente de mim.

A inteligência por aqui é tão escassa quanto é abundante a poeira e a corrupção, me disseram a respeito de Brasília, mas aquela era apenas uma das versões. Eu podia sentir os grãos se solidificando nas minhas narinas, como a formar um filtro que me impedisse de sentir o cheiro podre da cidade



corrupta — me ocorreu que aquele era o único jeito de evitar contaminação ou sintoma de que também havia sucumbido. Talvez por isso tenham escolhido um lugar tão claro para fazer a capital, quem sabe o excesso de luz fosse capaz de dissipar um pouco o cheiro forte da carniça.

Conheci Godô durante pausa numa dessas caminhadas, ao tomar chá gelado para refrescar. Ele era o magricela encostado ao balcão daquela pizzaria de preços assustadoramente baixos, que se refletiam no sabor de papel do queijo e da massa. “O sonho de Dom Bosco encontrou o capitalismo para virar pizzaria”, ele disse, olhando diretamente para mim e referindo-se ao nome do lugar, que era pouco mais que um balcão fino e tinha ar de sujeira com gordura acumulada nos cantos a despertar o mesmo interesse que um trem descarilado na Mongólia. Dom Bosco era o padre que havia sonhado em transferir a capital para o interior e ao mesmo tempo o nome da pizzaria, concorrida por causa do preço, não por conta da gordura que avançava para cima dos fregueses, à procura de poros para entupir, embora esse serviço extra e não necessariamente desejável estivesse embutido no custo da fatia.

A conversa girou em torno de assuntos triviais e outros nem tanto e foi exatamente essa característica, saltar para temas mais vastos e densos, que tornava Godofredo um sujeito diferente. Ele ia na contramão do pensamento — e isso, em vez de afastar todo mundo, fascinava e atraía. Godô não meditava sobre uma linha reta e natural — isso gera aquilo e em seguida aquilo outro — mas tinha, pelo contrário, uma espécie de pensamento quântico para produzir ideias. Era capaz de pensar a respeito de duas e três ou cinco coisas simultaneamente, não na sequência uma da outra. Se tivesse que escolher

uma palavra para defini-lo eu usaria a óbvia, gênio, mas o lugar comum me irrita, de modo que ficarei com a expressão *extravagante*. Se bem que essa é passo anterior para aquele.

Do modo como enxergo, a informalidade e o riso, dois companheiros naturais, combinaram de se ajustar para dar origem a Godô. A disciplina que se requer para o riso é imensa, mas informal. “O que você leva a sério é o que você tem de pior”, ele me disse. A combinação de ambas era a base do seu sistema filosófico, embora ele se recusasse terminantemente a admitir que tinha um.

Começou a organizar reuniões de um grupo chamado Risíveis Anônimos: em vez de conversas triviais ou a respeito de lamúrias mútuas, ele os reunia para que todos rissem juntos. Nunca fui convidado. Acho que não passei pelo crivo da falta suficiente de seriedade. O riso era a forma religiosa de estar no mundo, sua única noção de sagrado. Godô era o sumo sacerdote, o papa do humor. Não se trata de tentar redenção pelo riso: é apenas riso e basta. Zero de transcendência, quando Godô ri. A humanidade deveria se sentir lesada. Por não ter sido convidado, eu nutria ressentimento, me afastava do lado leve da vida.

Enquanto isso, anotava frases que ele dizia e fiquei à espera do momento em que iria fazer algo realmente inovador que chamasse a atenção do mundo. Nessa hora lançaria a biografia, para a qual tinha título provisório, *Vida e atribuições de Godofredo Testa, filósofo informal*.

Acontece que Godô morreu antes disso acontecer, ou, eu diria, às vésperas desse salto, deixando meu título definitivamente no provisório. “Vou ao México pesquisar dois escritores e fazer um livro a respeito deles que vai mudar a compreensão da literatura, não só a mexicana ou a brasileira, mas a do mundo inteiro”, me disse, cerca de um

mês antes, revelando uma megalomania que achei que era exclusividade minha e misteriosamente se recusou a declinar os nomes dos investigados. Achei que pretendia abrir uma filial dos Risíveis Anônimos naquele país. Desconfiei que os escritores poderiam ser Juan Rulfo e Carlos Díaz Dufoo, o filho, não o pai. Um conhecido, outro raro, ambos reticentes. Mas minhas desconfianças permaneceram sem conclusões à vista.

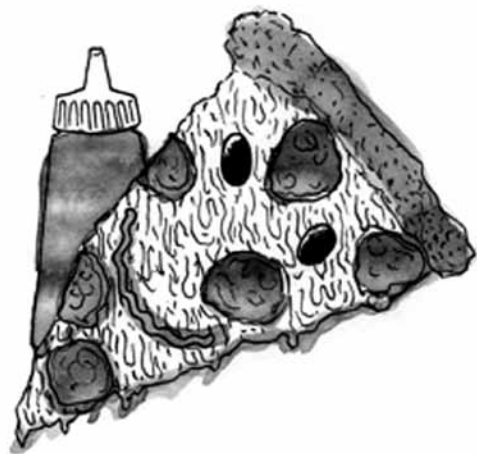
Escritores?, estranhei. Mas Godô era dado a guinadas súbitas e a filosofia informal não respeitava fronteiras banais e acadêmicas. A indisciplina do riso era o guia, a Godô cabia apenas obedecer. Portanto, *que viva México*. Um país que ria da morte, no Dia de Finados, em vez de chorá-la. Será que no México se riram da morte de Godô, fiquei pensando, algum tempo depois que recebi a notícia de que o avião havia caído perto do aeroporto da capital. Acrescentei outra dor à desolação pela perda do amigo, porque vi morrer no acidente também o projeto da biografia. Me pergunto se Godô teve informalidade bastante e enfrentou a morte com um riso entre os dentes, mas diria que sim.

Depois me vem essa desconfiança de que a vida e as atribuições de Godofredo Testa nunca passaram das fantasias desvairadas de minha imaginação. Não existe Godô, nem Risíveis Anônimos, nem viagem ao México, sequer mortes violentas decorrentes de acidentes de avião. Existem dias longos, um muro descascado e deprimente no perímetro deste lugar onde vivo na companhia de tantos outros e os caras de branco a nos controlar os movimentos e em forte tentativa de mexer com nossas ideias, testando diferentes produtos farmacêuticos nessas cobaias que não têm a quem reclamar. O truque de esconder a medicação debaixo da língua não funciona mais comigo, eles fazem marcação cerrada demais e conferência

bem minuciosa. A biografia de Godô tornou-se portanto um novo gênero de textos não escritos, a biografia mental. A cada dia, escrevo uma página ou duas e decoro todas as palavras para nunca colocar nem mesmo uma vírgula por escrito. Sei como preservar o essencial em conserva.

A vida aqui não chega a ser tão ruim e se torna especialmente interessante nos domingos em que meus filhos se lembram de trazer os netos para uma visita e eles parecem se divertir com as histórias que conto, a respeito da juventude do vovô Godofredo. Se não gostam, pelo menos aprenderam a disfarçar muito bem, os pequenos hipócritas. No fim das contas, penso se não é essa a principal herança que lhes deixarei. ■

 **Paulo Paniago** é professor de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB). Autor de gaveta dos romances *A selva lá fora*, *O nervo da vida*, *Só os canalhas são felizes*, *Homem no papel* e *Deriva*, todos inéditos. Tem publicado *Literatura brasileira — No compasso das letras* (2012). Em 2013, venceu o concurso de literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte (relativo a 2012), pelo livro de contos *Quando termina*, escrito em coautoria com Paulo Renato Souza Cunha. Vive em Brasília (DF).



Literatura amazonense vive período promissor

Surgimento de novos autores e eventos de âmbito nacional movimentam a cena literária local

LUCY RODRIGUES

A produção literária do Amazonas é marcada por uma tradição de escritores surgidos no Clube da Madrugada, movimento que teve grande efervescência nas décadas de 1950 e 1960 e revelou vários autores de talento, muitos dos quais continuam produzindo ainda hoje. Destacam-se ainda autores surgidos nos anos 1970 e 1980, com grande papel expressivo para as letras regionais, como Márcio Souza, Aldísio Filgueiras, Zemaria Pinto e, em especial, Milton Hatoum, que conquistou

reconhecimento nacional pela força expressiva do seu trabalho romanesco.

“A literatura que se produz no Amazonas atualmente é tributária dos desdobramentos modernistas em âmbito regional. A Semana de Arte Moderna de 1922 teve profundas repercussões no processo de mudança e atualidade da cultura amazonense”, explica Tenório Telles, poeta e consultor editorial da Livraria Valer. “Em termos literários, o Clube da Madrugada, fundado em Manaus em 1954, tornou-se o polo irradiador dessas transformações. Novos escritores surgiram e estabeleceram um novo olhar sobre a realidade regional, ao mesmo tempo em que, no plano da construção formal, criaram novas possibilidades expressivas. Atualmente, a produção literária ainda é marcada

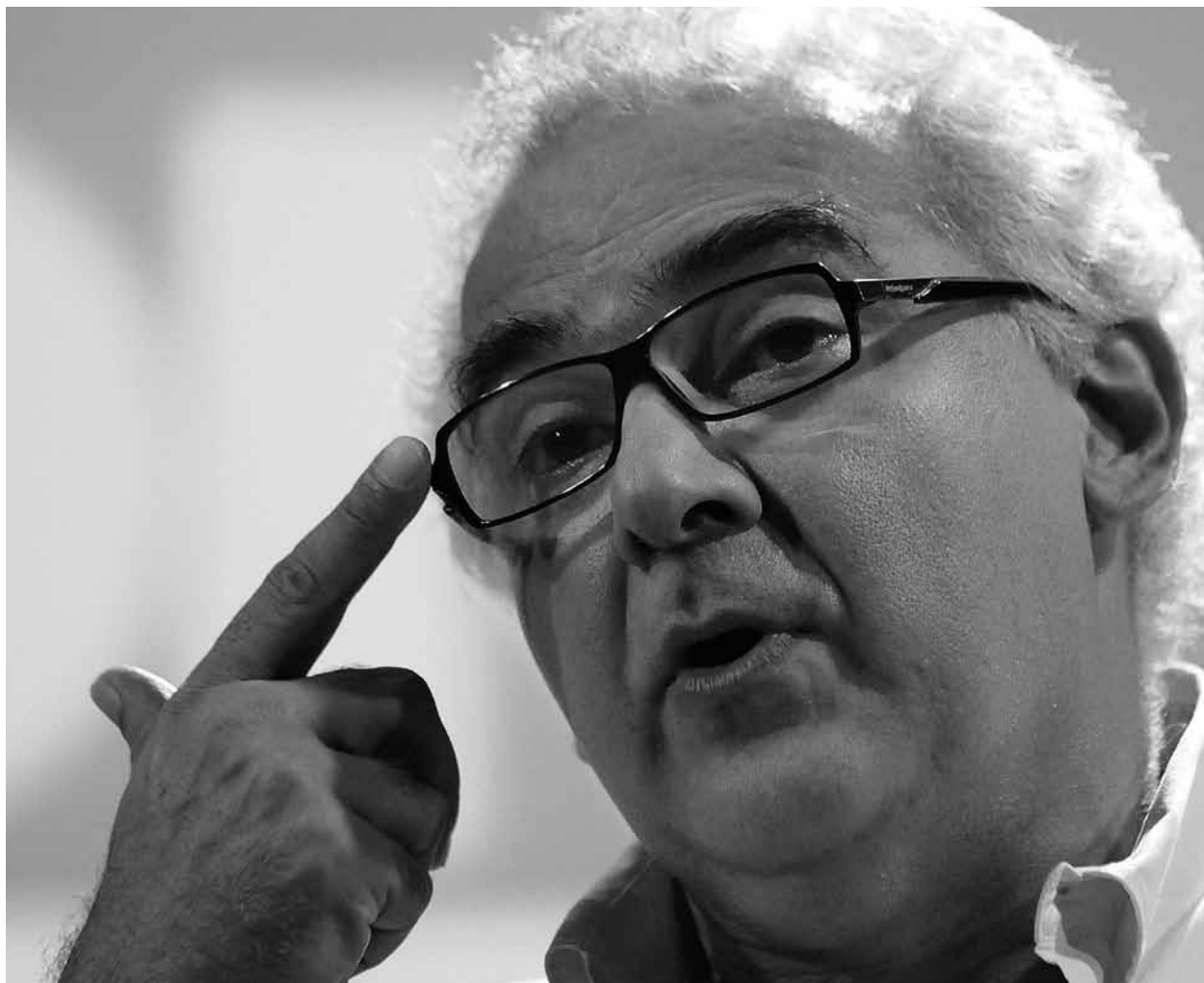
pela presença de autores como Luiz Baccellar, Elson Farias, Farias de Carvalho, Thiago de Mello, Astrid Cabral, Arthur Engrácio, Carlos Gomes, entre outros – todos figuras de destaque do Clube da Madrugada”, diz.

Segundo Telles, percebe-se, mais recentemente, a emergência de uma nova geração de escritores, oriundos das universidades, entre eles o professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Allisson Leão, autor de *Natureza e ficção* (2011) e *Jardim de silêncios* (2002). “Nos últimos anos, tem se intensificado essa persistência crítico-literária de professores e autores, principalmente por meio dos programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas

(UFAM) e da UEA. Acredito que sentiremos esse impacto daqui a cinco ou dez anos, quando essas dissertações se transformarem em livros”, analisa Leão.

Entre os novos e talentosos escritores surgidos na última década, Leão inclui o contista piauiense, radicado em Manaus desde 1979, João Pinto, autor de *O ditador da terra do Sol* (2002), e a poeta paranaense, também radicada na capital do Amazonas, Pollyanna Furtado, que escreveu, junto com o poeta Thiago de Mello, o ABC da floresta amazônica (2008).

“Há uma geração ainda mais jovem, que vem usando a internet como veículo de divulgação, a exemplo de Priscila Lira, de apenas 22 anos, que fez sucesso com o e-book *Manual de feitiçaria*”, afirma Allisson Leão. Segundo ele, a literatura amazonense



Milton Hatoum, autor do romance *Dois irmãos*, é um dos principais nomes da história literária amazonense.

Foto: Kraw Penas

“Há uma geração ainda mais jovem, que vem usando a internet como veículo de divulgação, a exemplo de Priscila Lira, de apenas 22 anos, que fez sucesso com o *e-book Manual de feitiçaria*”

Allisson Leão, professor de Literatura.

vive um período promissor. “Mas ainda não estamos satisfeitos. Apesar dos avanços, há o problema da outra ponta, ou seja, do leitor. Sem formar bons leitores, não há como formar escritores. Isso tudo é reflexo da educação do nosso país.”

A mesma visão é compartilhada por um dos maiores escritores brasileiros, o amazonense Milton Hatoum. Morando em São Paulo e afastado da cena literária local, o ex-professor de Literatura da UFAM também relaciona a baixa qualidade do ensino público como um dos maiores entraves para o crescimento da literatura no país. “Falta uma coisa que, há 25 anos, a Ditadura Militar destruiu, que foi a qualidade do ensino público. O do Amazonas é um dos piores do Brasil. Isso tem relação direta com a capacidade de leitura e reflexão

dos jovens adultos. Isso não é culpa só do Governo Federal, mas de cada prefeito e governador desses municípios e Estados brasileiros”, analisa.

O escritor, que costuma fazer palestras em escolas públicas e particulares, há três anos participa da “Semana Milton Hatoum”, em Manaus. Em 2013, o encontro foi realizado de 21 a 26 de outubro, com palestra no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFAM) e lançamento local do novo livro de crônicas de Hatoum, *Um solitário à espreita*, lançado este ano na 11ª Feira Literária de Paraty.

PARA O MUNDO

Responsável por levar o nome e a paisagem de Manaus para o mundo, por meio de suas obras, Hatoum comemora



Divulgação

O poeta Thiago de Mello, autor do clássico *Os estatutos do homem*.

as conquistas alcançadas, principalmente com o seu romance de maior sucesso, *Dois irmãos* (2000). Além dos mais de 140 mil exemplares vendidos e tradução para mais de 16 países, a obra será traduzida ainda este ano para a língua oficial da Etiópia e deve ganhar adaptação para a TV no formato de minissérie, pela rede Globo.

“Fico muito feliz quando encontro leitores do Sul que dizem que foram conhecer Manaus após a leitura dos meus romances. Só o fato de *Dois*

irmãos ter essa quantidade de exemplares vendidos, para um escritor brasileiro, já é um grande alcance. Essa possibilidade muito forte de o livro se tornar uma minissérie, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, também é muito positiva, pois a televisão consegue alcançar um público ainda maior, sem falar na qualidade do trabalho”, afirma Hatoum, que tem outras obras cedidas para a produção audiovisual, entre elas *Órfãos do Eldorado* (2008), cujas filmagens estão em andamento, sob direção de Guilherme Coelho. No elenco

“Fico muito feliz quando encontro leitores do Sul que dizem que foram conhecer Manaus após a leitura dos meus romances. Só o fato de *Dois irmãos* ter essa quantidade de exemplares vendidos, para um escritor brasileiro, já é um grande alcance.”

Milton Hatoum, romancista.

Divulgação



Autor de *Mad Maria*, Márcio Souza incorporou a história da Amazônia em sua ficção.

do longa estão Daniel de Oliveira, Dira Paes e Mariana Rios.

EDITORAS

Atualmente, duas editoras têm firmado posição em termos de produção no mercado editorial local: a Valer (privada) e Edua (pública). A primeira, com destaque na divulgação da produção literária regional. Já a segunda trabalha na edição de textos científicos e acadêmicos, com foco na produção acadêmica de seus professores (dissertações e teses de doutoramento).

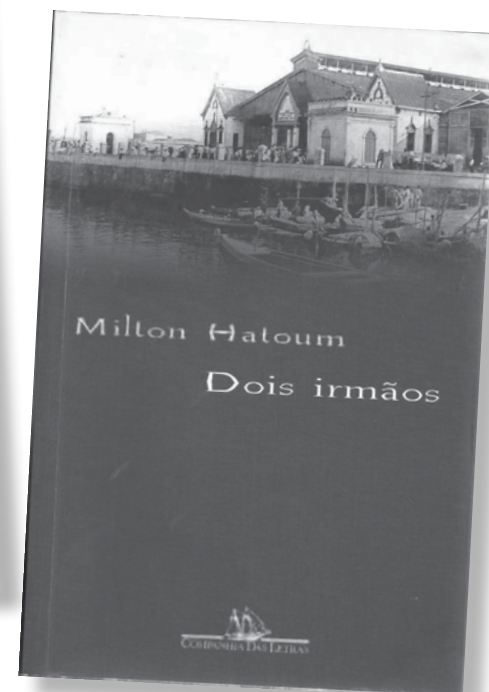
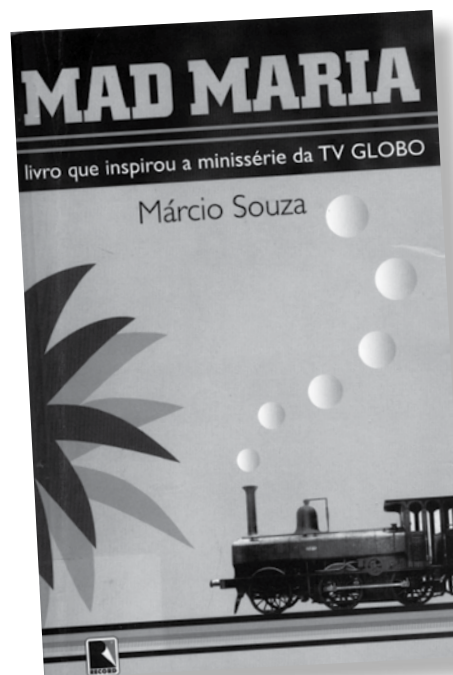
Com mais de dez anos de atuação, a Editora Valer é uma das mais tradicionais do Estado e concentra em seu acervo mais de 600 títulos sobre a Amazônia. Além de permitir e consolidar o surgimento de novos autores, também relança obras expressivas do pensamento amazônico que já se encontram esquecidas e fora do mercado.

“O interesse da Valer pelos temas amazônicos foi muito marcante para a literatura e a cultura locais, de maneira que ainda nem se mensurou, pois ela não publicou apenas romances ou poemas, mas também ensaios, críticas e recuperou nesses últimos dez anos publicações históricas, obras que não haviam sido editadas há séculos, que trazem as primeiras visões sobre a nossa região. Além de movimentar o mercado cultural, com projetos como o Quarta Literária. É claro que há o interesse do mercado, mas outras editoras não fazem isso”, avalia o professor Allison Leão.■

FEIRAS LITERÁRIAS

Em 2012, Manaus foi a primeira cidade da região Norte a receber uma Bienal do Livro. Para a segunda edição do evento, marcada para 2014, espera-se números ainda mais expressivos que a primeira, que reuniu mais de 203 mil visitas, 60 expositores e teve 89 lançamentos de livros. Outro evento tradicional no calendário amazonense é a Feira de Livros do Serviço do Comércio (Sesc) no Amazonas, que está na 27ª edição e será realizada no período de 7 a 10 de novembro. O evento terá como tema “Encontro das águas e das Letras” e fará homenagem ao poeta Alcides Werk, conhecido, sobretudo, pelos poemas que têm a Amazônia, com seus rios, matas e o caboclo, em evidência. De acordo com o Sesc, o objetivo é intercalar a feira de livros com um festival literário, que geralmente é promovido no interior do Estado.

No final do último mês de setembro, Manaus recebeu pela primeira vez o projeto “Livro de Graça na Praça (LGP)”, que existe há mais de 10 anos em Belo Horizonte (MG), sob coordenação do escritor Artur Vianna e patrocínio da operadora Oi. O projeto também promoveu um concurso de contos que premiou três autores, que integraram a publicação *Manaus: 20 autores*, com textos de escritores amazonenses. O livro foi lançado e distribuído gratuitamente para mais de 3 mil pessoas no Largo de São Sebastião, no centro de Manaus. “Nossa ideia agora é realizar esse projeto anualmente na cidade. Ele tem como finalidade fazer com que as pessoas tomem gosto pela leitura e valorizem os seus escritores”, diz Vianna. ■



Mad Maria, de Márcio Souza, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, dois romances que têm a Amazônia como pano de fundo.

CANÇÃO DA ESPERANÇA

Neste tempo desolado
de sonhos subtraídos
e utopias amortalhadas
– ergo este canto para celebrar
a esperança entressonhada.

Neste tempo de partos sem flores
de silêncio e de almas violadas
– ergo este canto para celebrar
a semente que arde em luz.

Neste tempo de vidas fraturadas
de olhos imantados e corações ressecados
– ergo este canto para celebrar
a inocência e o brilho da infância.

Neste tempo de morte e de sombras
de guerras e de campos devastados
– ergo este canto para celebrar
a vida e os que tombam pela liberdade.

Contra toda desesperança.
Contra toda cegueira e emudecimento.
Contra toda indiferença.

– Ergo este canto para celebrar
a manhã, os rios,
as florestas e seus enigmas.

– Ergo este canto para celebrar
os pássaros – suas cores e cantos,
as flores, o ser humano e a utopia
e também os olhos da amada.

É para vós
este canto de esperança
– que mesmo sendo pranto –
se eleva como música luminosa.

É para vós
este canto de exaltação
– que floresça em vossos olhos
– que se faça verdade em vossas bocas
e nasça como verdade em nossas vidas. ■



Ilustrações: **Tiago Lacerda**



 **Tenório Telles** nasceu em São Tomé (rio Purus), no Amazonas. *Primeiros fragmentos*, seu livro de estreia, foi publicado em 1988. É autor ainda do livro de ensaios *Estudos de literatura brasileira e amazonense* (1995) e da antologia de poesia *Canção da esperança & outros poemas* (2011). Vive em Manaus (AM).

RETRATO DE UM ARTISTA | CARSON MCCULLERS

Ilustração: Rogério Coelho

CARSON MCCULLERS

Carson McCullers, pseudônimo de Lula Carson Smith, nasceu em 1917, nos Estados Unidos. Aos 17 anos, muda-se do Estado da Geórgia para Nova York para estudar piano na renomada Juilliard School of Music, desistindo da música ao sofrer a primeira de muitas crises de febre reumática, época em que passa a se dedicar à literatura. Casou-se aos vinte anos com Reeves McCullers, com quem viveu um relacionamento conturbado – ambos tinham problemas com o álcool e a união culminou no suicídio de Reeves. Seu livro de estreia, o romance *O coração é um caçador solitário* (1940), obteve reconhecimento imediato de público e crítica. O fio condutor da obra de McCullers é a solidão dos excluídos e sua dificuldade em se comunicar com o mundo, temas marcantes em toda a ficção da autora. Entre seus livros publicados no Brasil estão *Reflexos num olho dourado* (1941), *A sócia do casamento* (1946), *A balada do café triste* (1951) e *Relógio sem ponteiros* (1961). Carson McCullers faleceu em 1960, após mais de vinte anos de invalidez causada por uma série de derrames.

 **Rogério Coelho** é artista gráfico. Atua como ilustrador de livros de literatura e histórias em quadrinhos. Vive em Curitiba (PR).

